

CÂNDIDO

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

51

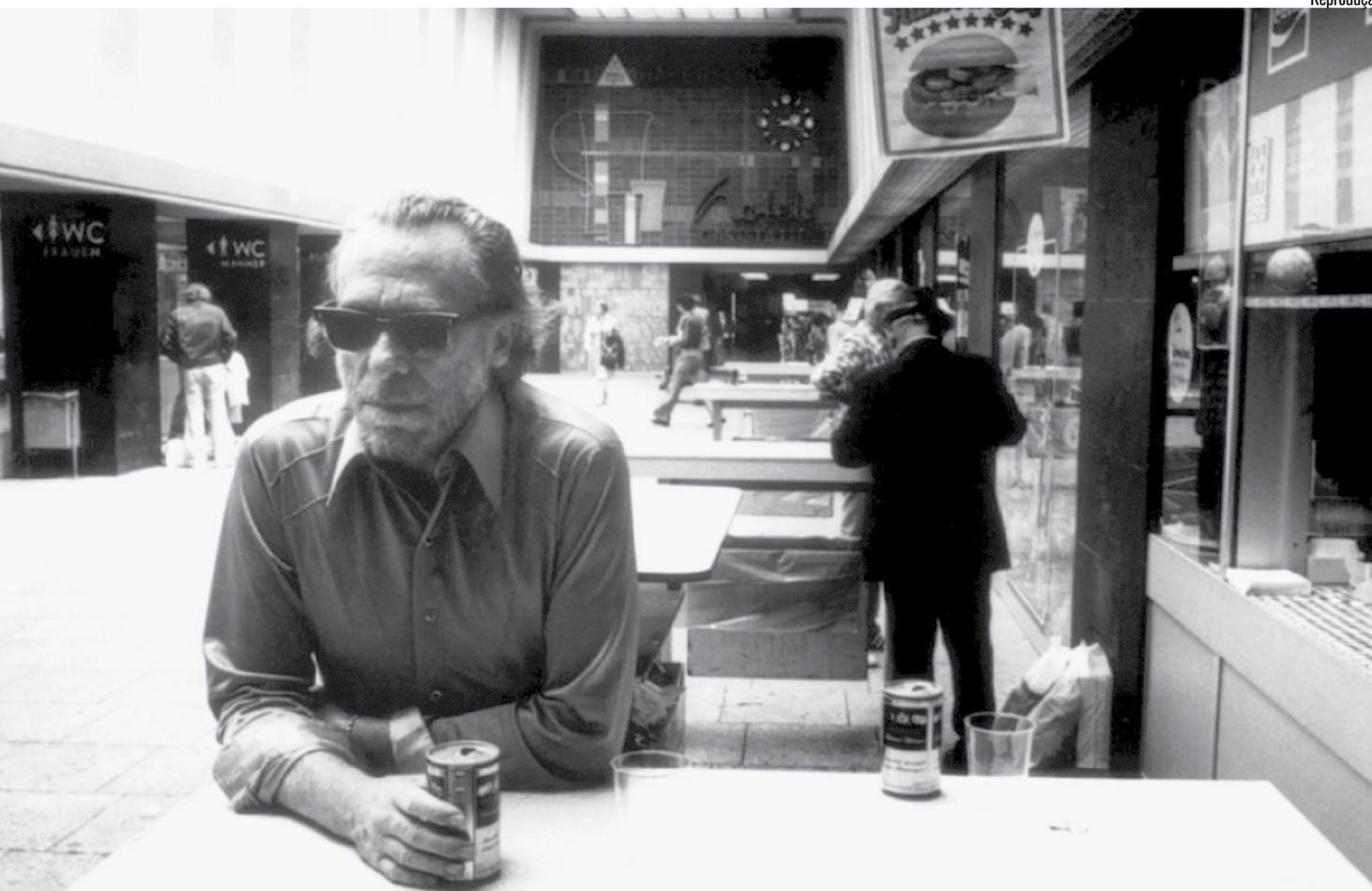
OUTUBRO 2015
www.candido.bpp.pr.gov.br

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

A vitória do perdedor

Publicado de forma ininterrupta há mais de 30 anos no país, o *outsider* Charles Bukowski segue como um fenômeno entre o jovem público leitor

POEMAS
TRADUZIDOS
DE CHARLES
BUKOVSKI



Reprodução

Charles Bukowski (1920 — 1994) fez dos reveses da própria vida o substrato de sua literatura. Assim escreveu uma obra extensa, que vai da poesia ao conto, passando pelo romance e pela crônica. O escritor norte-americano nascido na Alemanha teve um sucesso tardio. Publicou o primeiro livro aos 40 anos e sua obra sempre circulou de modo restrito.

Hoje, no entanto, o escritor é mundialmente famoso. No Brasil, tornou-se objeto de culto entre leitores de várias gerações, que há mais de 30 anos têm à disposição traduções de suas principais obras.

O **Cândido** ouviu tradutores, editores e o biógrafo do escritor, que explicam o sucesso de Bukowski no Brasil, principalmente entre o público mais jovem. “A irreverência e honestidade de Bukowski são recursos que

atraem jovens leitores em todo o mundo. Ao contrário da maioria dos adultos, ele não aprendeu a ser um diplomata polido. Sempre foi um rebelde, e essa é a persona favorita dos jovens”, diz Howard Sounes, biógrafo do autor.

A equipe do jornal também selecionou e comentou livros do autor, que escreveu intensamente durante toda a vida, produzindo mais de 40 livros, além dos muitos poemas e contos que publicou em revistas e jornais *underground* dos anos 1960 e 1970 que ainda permanecem dispersos.

Muito conhecido pela prosa cativante, Bukowski também foi um poeta bastante prolífico. Parte de sua produção no gênero começou a ser traduzida em tempos recentes no Brasil. O **Cândido** mostra três poemas do autor nas traduções do mineiro A.A. Mercador e do curitibano Fernando Kopski.

A edição número 51 do **Cândido** também traz outros destaques. Na seção que apresenta bibliotecas particulares, o publicitário e escritor Antonio Cescato mostra seu acervo, constituído em sua maioria por títulos em inglês e outros idiomas estrangeiros.

O jornalista José Daniel Silveira Júnior, em ensaio inédito, fala sobre a vida profissional do caricaturista e pesquisador Alvaro Cotrim, o Alvarus, figura de destaque na cultura brasileira entre as décadas de 1930 e 1980, mas que ainda é pouco conhecido pelas novas gerações.

Outro destaque é a entrevista com o artista plástico e escritor Nuno Ramos. O multiartista, que acaba de ter algumas de suas canções gravadas pela cantora Mariana Aydar, fala sobre alguns de seus livros, como o premiado *Ó* e o mais recente deles, *Sertões*.

Boa leitura.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:

Luças de Lavor e Kaype Abreu

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Sollier Brandt | coordenação

Bianca Franco, Marília Costa, Marluce Reque

e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Adriano Scandolaro, AA Mercador, Bianca Franco, Fernando Kopski, Charles Bukowski, João Manuel Simões, Javá Társis, José Daniel Silveira Júnior, Julián Fuks, Kraw Penas, Lanlan Bessoni, Marília Costa e Marluce Reque.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP



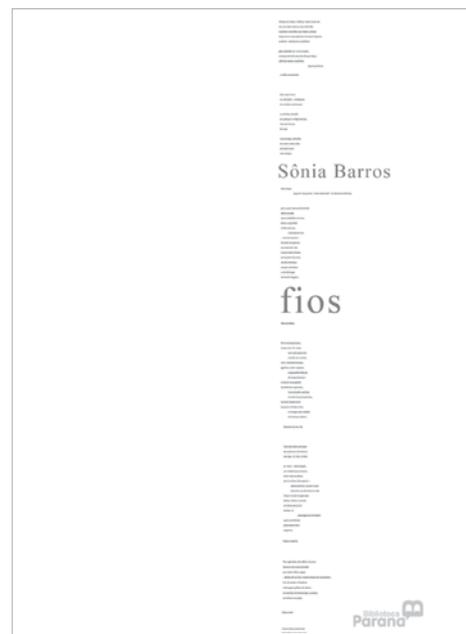
Caixa-estante

Em 2015, mais de 100 bibliotecas móveis fornecidas pela Biblioteca Pública do Paraná estão circulando em diversas instituições de Curitiba e Região Metropolitana. A caixa-estante é um armário de aço que se abre ao meio, com prateleiras para os livros. Dispõe de rodízios, fechadura e pegadores para facilitar o transporte. Comporta, em média, de 80 a 100 livros e fica na instituição durante quatro meses, a partir da assinatura de um termo de compromisso.

Acessibilidade

Até novembro a Biblioteca Pública do Paraná recebe uma série de atividades de capacitação em acessibilidade e inclusão para seus funcionários, bem como para convidados dos Sistemas Estaduais e de bibliotecas locais. As atividades, que tiveram início em setembro, integram o projeto Acessibilidade em Bibliotecas Públicas, da Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (DLLLLB) do Ministério da Cultura (MinC), em parceria com o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). A execução está a cargo da OSCIP Mais Diferenças. A BBP foi uma das 10 instituições brasileiras contempladas pelo projeto, que tem a finalidade de subsidiar a construção de políticas públicas nacionais de acessibilidade em bibliotecas. Mais informações: (41) 3221-4980 e (11) 3881-4610.

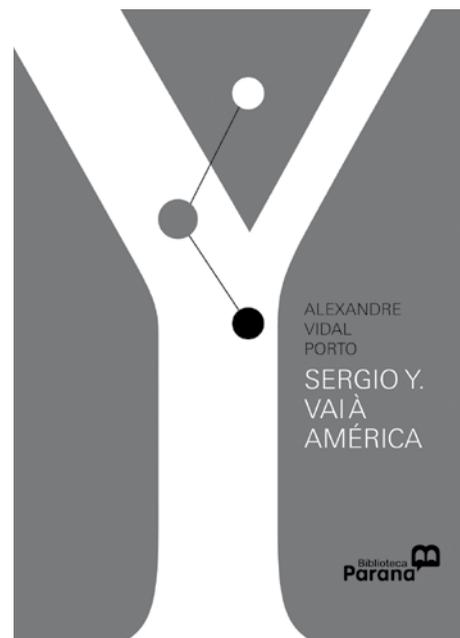
Oceanos



Dois livros publicados pelo selo Biblioteca Paraná, da Secretaria de Estado da Cultura, estão entre os semifinalistas do Oceanos — Prêmio de Literatura de Língua Portuguesa. O romance *Sérgio Y vai à América*, de Alexandre Vidal Porto, e a coletânea de poemas *Fios*, de Sônia Barros, concorrem com outros 61 livros selecionados, nas categorias poesia e prosa (romance, crônica, conto, relato de viagem e diário). No total, serão distribuídos R\$ 230 mil para

Oceanos 2

No total, quatro escritores paranaenses estão entre os 63 semifinalistas do Prêmio Oceanos. São eles: Cristovão Tezza, com o romance *O professor*, Luci Collin, com a coletânea de poemas *Querer falar*, Priscila Merizzio, com os poemas de *Minimoabismo*, e Rodrigo Garcia Lopes (foto), que concorre com dois títulos, o romance *O trovador* e o livro de poesia *Experiências extraordinárias*.

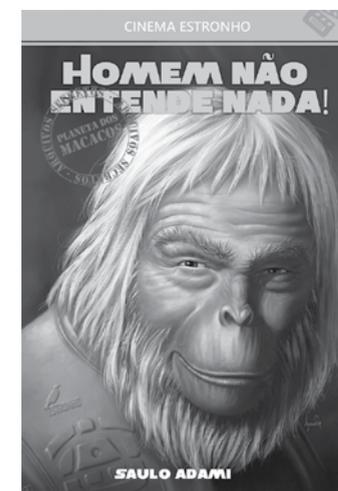


quatro vencedores — R\$ 100 mil para o primeiro colocado, R\$ 60 mil para o segundo, R\$ 40 mil para o terceiro e R\$ 30 mil para o quarto. Os livros de Vidal Porto e Sônia Barros foram os vencedores do Prêmio Paraná de Literatura — em 2012 e 2014, respectivamente — e ganharam edição do selo Biblioteca Paraná, além de premiação de R\$ 40 mil. *Sérgio Y vai à América* ganhou edição comercial em 2014, por isso pode concorrer este ano a premiações.

foto do
Rodrigo

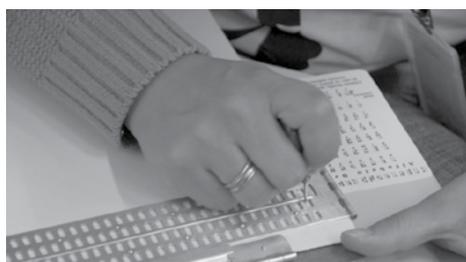
Planeta dos macacos

O escritor catarinense, radicado em Curitiba, Saulo Adami acaba de publicar um livro que repassa a história do universo de Planeta dos macacos, o que inclui livros, histórias em quadrinhos, filmes e séries de TVs. A obra *Homem não entende nada*, publicada pela editora Mondo Estronho, é resultado de 40 anos de pesquisa — Adami começou a se interessar pelo tema em 1975. Em mais de 600 páginas e com 200 fotos, o livro traz entrevistas inéditas com atores e técnicos das séries e filmes da franquia.



A infância do Brasil

Até fevereiro de 2016, o quadrinista José Aguiar vai publicar, de forma seriada, a história em quadrinhos *A infância do Brasil*. Divida em seis capítulos, a HQ está disponível no site www.ainfanciadobrasil.com.br. O primeiro capítulo já pode ser lido. O projeto retrata momentos pontuais na vida de crianças brasileiras durante os mais de 500 anos de história do país. O site também apresenta material extra, como textos sobre o contexto histórico que cada capítulo aborda, além de estudos e depoimentos do autor sobre seu processo de criação.



Publicar e ir em frente

OMAR GODDY

Divulgação



“P”rosa poética”, “longo poema narrativo”, “monólogo em versos” ou simplesmente “um livro malucão”, como diz o próprio autor. Não é fácil definir a linguagem de *Sermões* (Iluminuras, 2014), o mais recente projeto literário do paulista Nuno Ramos, 55 anos. Artista plástico conhecido por instalações ousadas — como *Bandeira branca* (2010), em que levou urubus vivos à Bienal de São Paulo, e *111* (1992), uma homenagem aos mortos no massacre do Carandiru —, ele também fez da experimentação uma das marcas de sua literatura. Lançou sete títulos desde 1993, entre livros de ficção, poesia, contos e ensaios. Dois deles venceram o Prêmio Portugal Telecom (atual Prêmio Oceanos): *Ó* (2008) e *Junco* (2011). Nada mal para quem “rompeu” com a escrita durante anos e se consagrou em um meio artístico totalmente diferente do literário. Na entrevista a seguir, Ramos conta como foi essa ruptura (e a retomada), compara os dois circuitos em que transita e reflete sobre sua relação com a poesia — especialmente a de Carlos Drummond de Andrade, para ele “o maior artista brasileiro do século XX”. Também fala de uma faceta mais recente, a de compositor, registrada em discos de novos artistas da MPB, como Romulo Fróes e Mariana Aydar. De quebra, comenta o momento incerto do país e critica quem ainda insiste em decretar o fim da pintura, técnica com que se projetou, na década de 1980, e voltou a trabalhar nos últimos anos.

As “pazes” com a literatura

Sempre quis ser artista, no sentido não das artes plásticas, mas no sentido geral. No início eu conhecia a arte quase como sinônimo de literatura. Meu pai dava aula de literatura na USP, de modo que cresci em meio a livros. O mais imediato pra mim era a literatura, nunca as artes plásticas. Além disso, acho que nunca mostrei muito talento para artes plásticas, tipo em aula de arte. Nunca fiz aula de arte, nunca soube desenhar, nunca tive técnica no sentido da facilidade de representação, nada disso. Então, sempre quis ser escritor, que era a forma que eu entendia como própria da arte, ou quase isso. Pensei em ser poeta, queria fazer romance, essas coisas de quando você é jovem. Enfim, a imagem que vinha para mim era a de um escritor. Escrevia poema, bastante. Tentava escrever ensaio, tentava um pouco de tudo. Isso começou muito cedo na minha vida, tenho lembrança disso desde os 12, 13 anos. Na verdade, parei de escrever pouco tempo. Mas no sentido íntimo, por assim dizer, continuei escrevendo. Acho que tive uma crise um pouco pós-adolescente com isso, que eu não sei descrever muito bem. Só consigo dizer que alguma coisa no que eu escrevia parecia muito abstrato, muito sem concretude. (...) As artes plásticas me vieram muito pelo sentido da matéria, do peso, da concretude. O contrário do que eu sentia com o que escrevia, que era uma certa vacuidade abstratizante. Lembro que me sentia atraído pelo linho puxando a tinta, puxando o óleo, o papel sugando a água, a relação entre os materiais. (...)

Modelo intelectual

Mas acho que tem uma outra coisa aí, um outro tema, mais psicológico. Meu pai morreu quando eu tinha 14 anos. Eu era muito novo e foi uma morte súbita. Ele era um intelectual, no sentido de dar aulas, de alguém que chegou a titular da USP em literatura francesa. Esse modelo de um intelectual era um pouco o que se esperava de mim. Alguém que fizesse um doutorado. Então acho que, nessa de pós-adolescência, também tive que me separar desse modelo. Fui fazer filosofia na USP, um curso com uma carga de leitura muito grande, que exige um domínio de conceitos que nunca fui muito capaz de ter, apesar de passar perto. Me formei, fui um aluno razoável. Não é que eu não tinha nada a ver com aquilo, mas foi um modo de entender que eu não seria um intelectual no sentido do rigor com os conceitos, da assimilação plena do que os outros fizeram antes de mim. Por isso tudo, por estar vivendo essas variantes naquele momento, me afastei da literatura por um tempo. E a coisa com as artes plásticas veio com muita força mesmo. Me senti muito à vontade nesse mundo meio sujo, onde as coisas iam caindo e escapando do meu controle.

Leitor confuso

Sinto que minha vida vai bem quando estou conseguindo ler. Ler te dá uma respiração, uma relativização, um negócio muito rico. Nesse sentido, ler é uma das melhores ofertas que a vida dá para uma pessoa, disso eu não tenho nenhuma dúvida. Mas sou um leitor

ENTREVISTA | NUNO RAMOS

totalmente confuso. Gosto de ler coisas diferentes, de variar. Às vezes, leio livros que eu não entendo bem, mas pego um pedaço e me entusiasmo com aquilo. Levei muito tempo para me perdoar um pouco por ler assim, sem ter uma assimilação rigorosa do que eu li, como a gente aprende na escola (...) Gosto muito de antropologia, da pegada da antropologia, então estou sempre lendo um pouco disso. Mas os dois autores da minha vida, acima de todos os outros, são o Drummond e o Pessoa. São os dois que eu li a vida toda, de quem eu lembro sempre, mesmo mudando de fase.

Aventura poética

Quando eu era menino, queria muito escrever poemas. E escrevi muito poema. Mas acabei indo para a prosa. Uma prosa meio sem objeto, que você pode até chamar de poética, mas é prosa. Achei que nunca mais escreveria poesia, que aquilo não era pra mim, no sentido de ouvir essa junção de som e sentido, essa aventura quase na raiz da língua que a poesia um pouco oferece a quem escreve. Talvez só com *Juncos* (2011) isso tenha se desinibido em mim, porque foi um projeto tão macegado, tão que eu repeti, repeti, repeti. Eu realmente trabalhei tanto em cada poema que, de alguma forma, aquilo colocou um lugar onde eu poderia pisar. Já *Sermões* (2015) é um livro muito mais solto nesse sentido da poética. Um livro malucão, que tem uma personagem. Junta um pouco com prosa, no sentido de que há uma espécie de narrativa. Mas, por outro lado, acho que é uma voz poética bem mais enlouquecida.

Carlos Drummond de Andrade

Já disse que acho o Drummond o maior artista brasileiro do século XX. Porque ele põe os nossos opostos em contato, parece alguém que desencapou os fios e deu o choque entre o que estava um pouco separado. O Drummond

é um poeta público, que sabe pegar, por exemplo, o momento da Segunda Guerra e fazer uma ode à Batalha de Stalingrado como se fosse um europeu, com uma força absurda. Ao mesmo tempo é um poeta da família, dos bens e do sangue, da coisa íntima, daquilo que não se extravasa. Sinto que as nossas ambivalências nele não se resolvem. Mas a poética dele não é a dos contrastes, no sentido oswaldiano, da Tropicália, do Glauber, de tantas coisas que põem as nossas diferenças gritando alto seu próprio nome. Acho que o Drummond tenta criar uma ambientação para que os extremos convivam, para que uma coisa abrace a outra. Isso dá para ele uma liberdade que eu acho espantosa. Sempre que eu leio o Drummond, para mim parece uma aventura. (...) Acho que o Brasil tem três poetas de outro planeta: o Bandeira, o Drummond e o João Cabral. Eles seriam artistas grandes, poetas grandes em qualquer literatura. Mas tenho a sensação de que o Drummond podia fazer muita coisa, podia se meter com muita coisa, podia variar muito. Isso desperta um interesse muito grande em mim. O Bandeira é o contrário, me parece uma poética da condensação, da palavra perfeita, do ritmo perfeito, da modéstia. Você nem sente a força sonora enorme do poema. Já o Cabral me parece uma espécie de aceleração brutal do Drummond, um anti-Drummond. (...) Enfim, o Drummond para mim é um núcleo motor de algo muito livre, ele fala de coisas que você estava pensando e não sabia que estava pensando.

A hora de publicar

Tive muito mais facilidade de fazer minhas mostras do que os livros. O livro nunca parece pronto. Mas uma hora você precisa publicar, até para se livrar dele. Porque você começa a refazer e refazer. Publicar, às vezes, é uma forma de ir em frente. Não que você esteja totalmente satisfeito, mas você precisa

“Os dois autores da minha vida, acima de todos os outros, são o Drummond e o Pessoa.”

Divulgação



um pouco se livrar daquilo. E, quando chega ao público, parece que aquilo se configura e você pode olhar de fora. Então, acho que publico não tanto porque achei que estava bom, mas porque senti que devia colocar aquilo no mundo.

Circuitos diferentes

Não conheço muito o meio literário. Não frequento tanto. Quando fui para a Feira de Frankfurt, conversei pela primeira vez com vários autores. O meu dia a dia é mais ligado ao mundo das artes plásticas. Mas a pressão das artes plásticas é cotidiana só fora de mim. Dentro de mim não é. É igual. Eu realmente fico muito aflito se não consigo dar conta de uma coisa que estou escrevendo, tanto quanto nas artes plásticas. Mas a pressão externa das artes plásticas é muito maior que a da literatura. Tenho muito mais compromissos ligados às artes plásticas. (...) Se fosse descrever a diferença entre um mundo e outro, diria que o retorno literário é muito mais lento e consistente. Acho que as coisas vêm mais devagar. Mas, quando vêm, vêm de forma mais composta. Tem muita gente que está lendo o *Ó* (2008) agora. Um livro que foi lançado há anos e até ganhou prêmio. Me encanta que agora ele está acontecendo para muita gente. Nas artes plásticas existe um auê maior em torno da exposição, afinal aquela exposição não vai se repetir. Há uma coisa mais bombástica. Por outro lado, acho que há menos retorno.

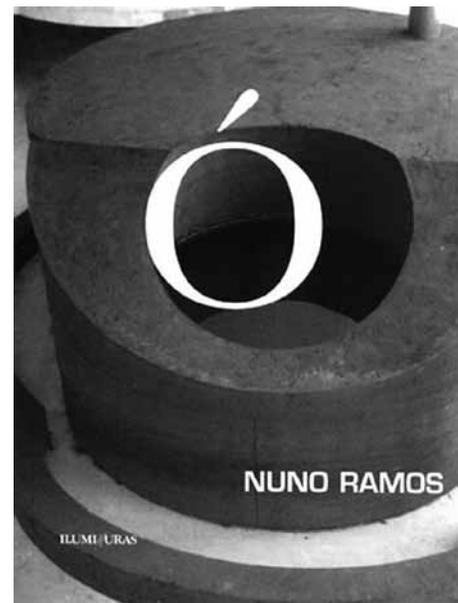
“Suspeito que estamos...”

Às vezes me pego tentando fugir do vício de falar do Brasil. Ainda mais agora, que sinto o Brasil vivendo uma espécie de estreitamento do imaginário. O imaginário do país está mínimo, então é um momento em que estou super aflito. Isso tem um lado ruim e um lado bom. Porque você precisa tomar cuidado para que esse negócio não vire uma punheta sem fim, mas também há uma potência nisso tudo, que permite

uma série de ideias. (...) Fiquei espantando com a repercussão daquele artigo que escrevi no ano passado [“Suspeito que estamos...”, sobre o momento incerto do Brasil, publicado em maio de 2014 no jornal *Folha de S. Paulo*]. Realmente, de coração. Não imaginei que tanta gente fosse escrever sobre ele, foi até meio estranho. Acho que o texto detectou o final de algum momento, como se as manifestações de junho de 2013 tivessem apontado para uma mudança que ninguém sabia qual seria. De lá pra cá, acho que nós estamos bem mais fodidos [O artigo termina com a frase “Suspeito que estamos fodidos”]. Não no sentido imediato, da crise econômica, ainda que isso seja muito grave, especialmente para quem está lá embaixo na cadeia social. Mas não há prospecção nenhuma, não há projeto nenhum, ninguém pensa na frente, ninguém propõe. A única questão do país parece ser o poder. O poder e quem vai estar nele. Isso é uma coisa horrorosa, paralisante, indigente e no limite da ética.

O compositor

Minha produção como letrista e compositor está muito ligada ao Romulo [Fróes, músico e ex-assistente do ateliê de Nuno] e ao Clima [Eduardo Climachauska, também artista plástico]. Um dia o Romulo levou o violão para o ateliê, eu peguei para tocar e a gente começou a compôr. Isso sempre esteve muito relacionado com o projeto do Romulo, que já está no sexto disco dele. Agora a Mariana [Aydar, cantora] me escolheu como compositor de um disco inteiro dela. Mas disco vem da cabeça dela, tem a cara dela. As escolhas foram dela. De toda forma, foi espantoso para mim alguém me considerar um compositor. Porque eu ia fazendo as coisas lá com o Romulo, mas essa olhada de fora para mim foi nova, muito curiosa de se ver. A canção é uma arte interpretativa, então depende muito de quem interpreta,



you não tem muita ideia do que vão fazer com a sua composição. O compositor é um bicho meio secundário. Fica lá com suas verdades até que alguém uma hora faz isso ganhar uma força.

O fim da arte?

Quem decreta “o fim da pintura”, “o fim da canção” ou o “fim do romance” teria que decretar também o fim das entrevistas, das ligações longas, dos aviões... O tema da morte da arte, independentemente de ser pintura, escrita, poesia ou cinema, é o tema moderno por excelência. Toda arte moderna um

pouco propõe o término da arte, e nesse movimento ela mesma acaba circulando. Isso tudo tem uma dinâmica produtiva. Atravessa o mundo moderno de uma forma muito rica, muito intensa. O Joyce escreveu para acabar com os romances, mas acabou fecundando a prosa moderna e permitindo uma série de coisas, até porque as pessoas tinham que se contrapor a ele. É uma dinâmica entre a negação e a fecundidade (...) É lógico que a pintura não acabou. Há 500 pintores excelentes. O que se perdeu foi direção, mas em termos de largueza horizontal tudo aumentou. ■

A RESISTÊNCIA

Capítulo 11

Vejo o jovem casal numa imagem esmaecida, uma foto em preto e branco que o tempo exagerou em desbotar. Algo em sua aparência os aliena, contribuindo à sensação de anacronismo — talvez o volume dos cabelos, as pregas marcadas de uma camisa, o banco de pedra maciça onde se sentam, algo além disso que não reconheço e que de algum modo os eterniza. Porque são meus pais, e porque não estão sós, porque meu pai porta no colo uma menina, sei que é um registro do início dos anos oitenta, e no entanto me parece bastante mais longínquo. São seres históricos, esses que vejo. Sua aparição pontual na fotografia é uma culminação de caminhos pretéritos, uma entre muitas culminações dessas vidas complexas que se entrelaçam e se permeiam com um passado coletivo, com a marcha de uma época, com as tortuosas fissuras de um tempo. Não sei quanto os conheço. Não decifro seus sorrisos alegres. Não entendo bem o intrincado arranjo de atos e acasos que acabou por uni-los, mas sei que devo a essa união minha existência e as palavras indolentes que aqui escrevo.

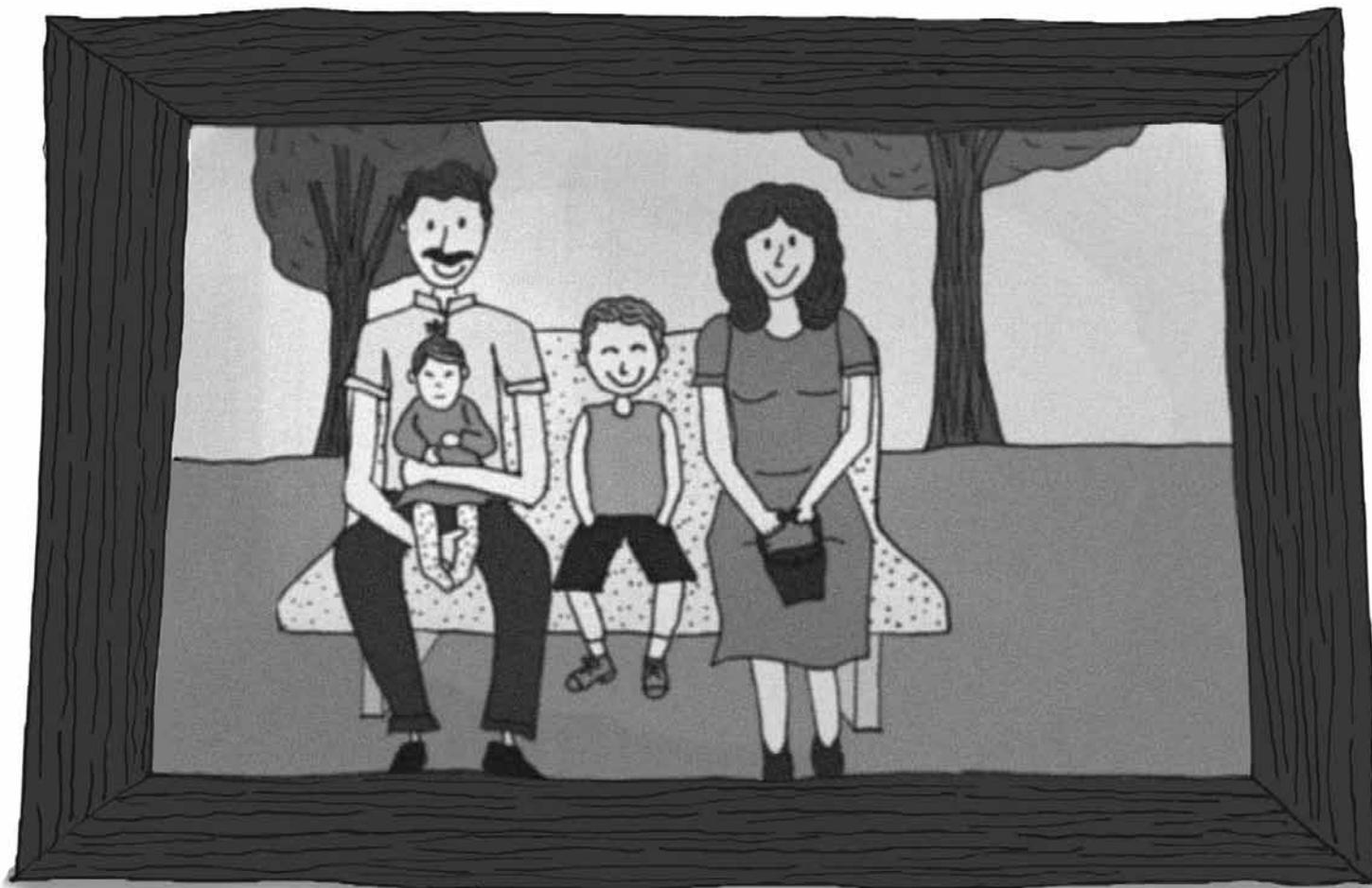
Um filho nunca será o mais indicado para estimar a relação entre os

pais, para compreender o que atraiu um ao outro, para destrinchar seus sentimentos. Nem sequer pode se perguntar que curiosa confluência aliou uma jovem católica, conservadora em sua origem, a um judeu de bairro boêmio que aderira ao marxismo, porque assim os reduz a identidades estanques, a tipos rígidos. Algum drama, sem dúvida, estaria garantido, mas bastaria dizer que eram ambos formados em medicina, que ambos cursavam a mesma residência em psiquiatria, que em breve seriam ambos psicanalistas, para que qualquer enigma fácil se dissolvesse. Outra ficção, então, se cria: não eram seres opostos, mas dois iguais unidos por sua crítica à brutalidade de tratamentos psiquiátricos arcaicos, perpetuados em hospitais do mundo inteiro, e sua militância por uma terapia mais humana, mais compreensiva, mais abrangente, menos nociva. Entre uma mentira e outra se desloca o drama desta narrativa: não mais os mesquinhos dogmas de uma família entre outras famílias, mas os ideais de dois jovens argentinos no tenso vértice de sua atuação política.

Se eram iguais aqueles dois jovens, algumas desigualdades banais que insistem em se replicar nas relações cor-

riqueiras não deixariam que eles o percebessem. Conheço poucas histórias da aproximação entre eles, do período que alguém chamaria de cortejo, mas todas elas parecem relacionadas a uma ideia de proteção, à noção convencional de que seria função dele protegê-la, fornecer a segurança que a ela, sozinha, o mundo se recusaria a prover. Uma freada mais brusca quando estavam a caminho do restaurante, o braço dele estendido para contê-la, a mão espalmada no tórax, precisamente, um ato de puro reflexo e um gesto heroico que ela soube agradecer — as mãos se entrelaçando para celebrar o feliz desfecho. Depois do jantar, o convite para que ele subisse ao quarto dela, não porque ela quisesse, porque tivesse vontades que as velhas cartilhas da catequese não aprovariam, mas porque tinha medo, porque queria que alguém conferisse antes dela se não havia nada embaixo da cama, nenhum dos seres sinistros que naquela época povoavam seus pesadelos.

À casa dele não iam tanto, porque ele também tinha medo. Temia o tranco de ombros contra a porta, temia que braços bruscos se pusessem a revolver suas coisas, temia ver-se de bruços com as mãos constringidas por algemas,

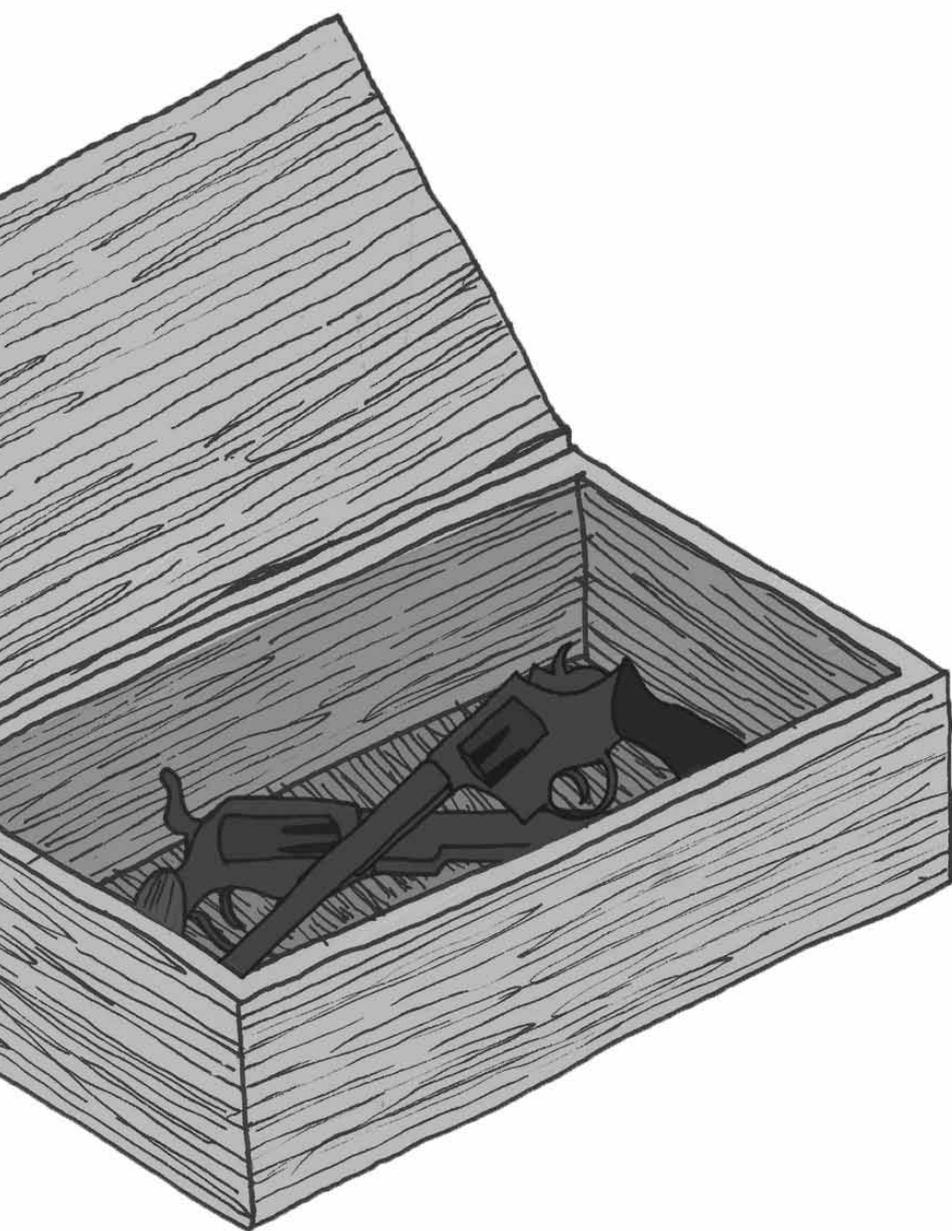


Ilustrações **Marluce Reque**

essas as imagens sombrias que perturbavam seu sono e que lhe renderiam a insônia crônica que tantas vezes flagrei, meu pai como um vulto inquieto rondando a geladeira. Temia também que ela quisesse olhar embaixo da cama e ali encontrasse as armas que ele aceitara esconder.

Não vejo nenhum desses medos na foto, a foto é de outra época. Os sorrisos que eles sustentam talvez sejam a dissolução do medo, sua distensão derreadeira, a trégua ao menos parcial que eles enfim obtiveram em alguma praça

brasileira. Minha irmã não sorri, mas é apenas um bebê — sorrir seria em seu caso mero reflexo, um espasmo qualquer que a ninguém ocorreria entender. Surpreende apenas o rosto do meu irmão. Seus lábios se expandem lateralmente produzindo tensão em suas bochechas, como se alguém o incitasse a sorrir sem que ele o desejasse. Seus olhos não são claros nessa foto em preto e branco, seus olhos se espremem e quase não se veem, mas tenho quase certeza de que há alguma aflição nas sobrancelhas que descaem com peso.



Capítulo 12

Armas embaixo da cama do meu pai, penso nessas armas, deixo que existam em minha consciência. De um repertório extenso de cenas falsas deduzo uma imagem de sua presença: uns poucos revólveres trancados numa caixa de madeira, um lençol cobrindo a caixa com medido desleixo, tudo sob a luz parca que traspassa uma única janela aberta, cortinas tremulando ao vento. Não entendo o fascínio que exercem quando assim as imagino, na casa do meu pai, sob sua cama de solteiro. Toda a vida fui infenso a esses objetos, incômoda confluência entre a ameaça efetiva e o símbolo funesto, toda a vida me quis um pacifista. Agora penso nessas armas e não entendo a euforia que sinto, a vaidade que me acomete, como se a biografia do meu pai em mim se investisse: sou o filho orgulhoso de um guerrilheiro de esquerda e isso em parte me justifica, isso redime minha própria inércia, isso me insere precariamente em uma linhagem de inconformistas.

Tenho a idade que meu pai tinha naquela época — o bastante para saber que as armas dele não são as minhas, que não me cabe querer empunhá-las e fazer dele um irmão em armas, que só me resta sondar conceitos,

tentar compreendê-las. Se ainda não compreendi talvez seja porque elas nunca foram uma informação assertiva, um dado incontestável, nunca existiram sem sua negação eloquente. Não, nós nunca tivemos armas embaixo da cama, minha mãe o contradiz a cada vez com similar firmeza, e a cada vez ele aceita, ele se conforma, ele assente. Depois se deixa embalar por um vago monólogo sobre o horizonte utópico daquele tempo, o foquismo pregado por Che, os muitos Vietnãs contra o imperialismo, a revolução cubana como auspicioso exemplo, o sandinismo em que muitos amigos também se envolveram. Não, minha mãe então se indigna, quem?, ela quer saber, e segue-se uma longa lista de nomes que alguma vez entreouvi em suas conversas, lista que ela recebe aguardando o eventual deslize: não, ele não, Alberto, ou Carlos, ou Vicente, não estava metido nisso. Como não, se até foi para Cuba? Foi para Cuba porque o cunhado morava em Havana, minha mãe contesta. Foi para Cuba para passar pelo treinamento e lutar na Nicarágua, desta vez meu pai insiste, impaciente, já esquecido do vulto que os observa em silêncio, do vulto que não sabe em quem crer.

Há sempre uma tensão na disputa por esses detalhes, como se cada módico fato não se resumisse a si mesmo, à sua pequenez evidente, subjugando-se a alguma versão maior sobre os acontecimentos. Há também resquícios de tensões de outras décadas, um pudor antigo adiando cada frase que eles se permitem dizer, uma anacrônica noção de sigilo, de inconfessável segredo, como se revelar esses dados e nomear os envolvidos fossem indiscrições a serem repreendidas pelo movimento — ou, pior, a serem punidas por tenazes algozes de um regime inclemente. Às vezes parece que baixam a voz para mencionar um episódio específico, às vezes gaguejam, largam relatos pelo meio, e tenho a nítida impressão de que ainda temem os nossos ouvidos — de que ainda somos, aos olhos deles, crianças a serem poupadas da brutalidade do mundo, ou perigosos agentes duplos que acabariam por entregá-los sem querer.

A quem, é o que pergunto, quem se interessaria hoje por tão mesquinhos meandros de um tempo distante, e a resposta que meu pai repete é uma absurda mescla de devaneio e lucidez: as ditaduras podem voltar, você deveria saber. As

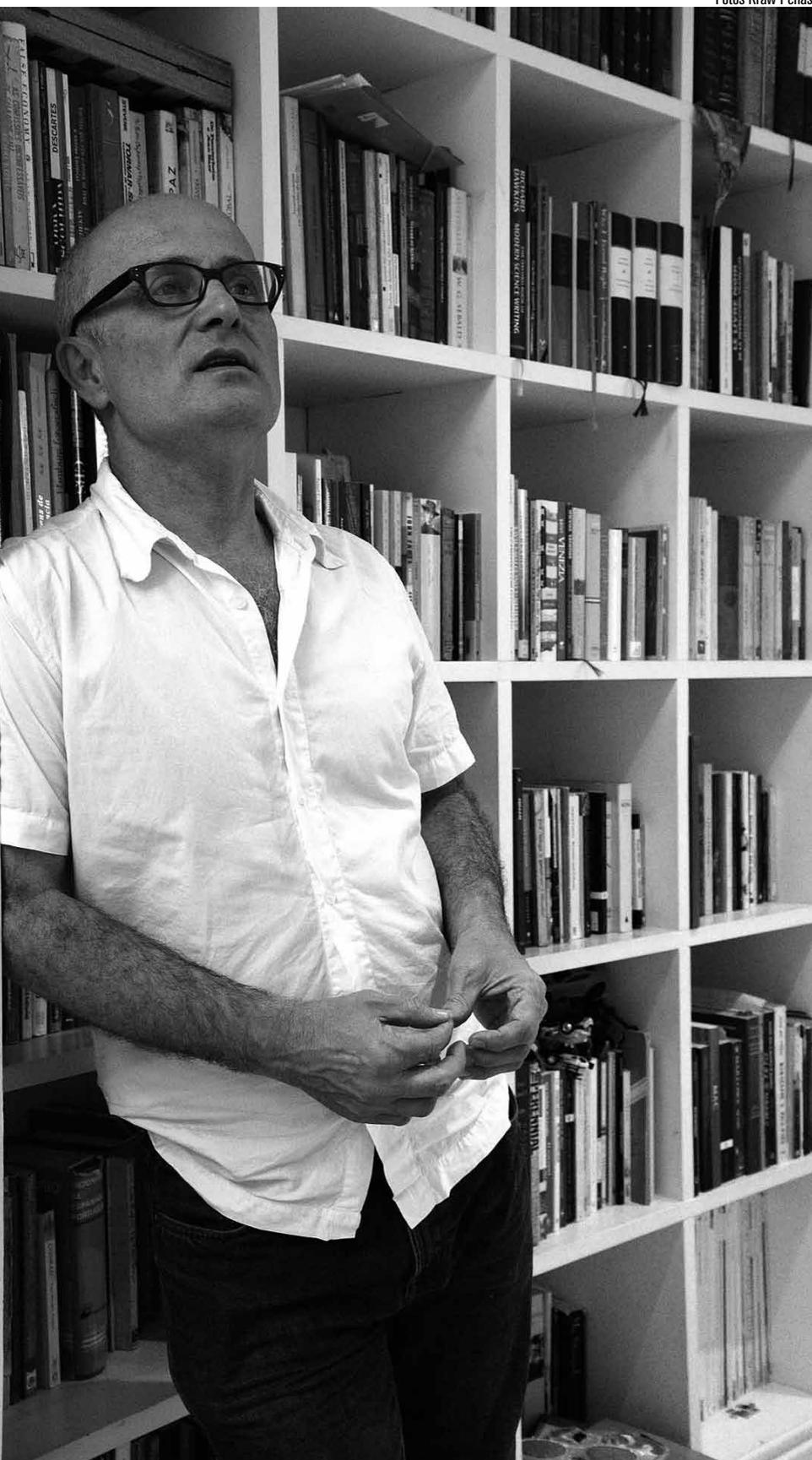
ditaduras podem voltar, eu sei, e sei que seus arbítrios, suas opressões, seus sofrimentos, existem das mais diversas maneiras, nos mais diversos regimes, mesmo quando uma horda de cidadãos marcha às urnas bienalmente — é o que penso ao ouvi-lo mas me privo de dizer, para poupá-lo da brutalidade do mundo ou por algum receio de que não me entenda.

Quase tudo o que me dizem, retiram; quase tudo o que quero lhes dizer se prende à garganta e me desalenta. Sei e não sei que meu pai pertenceu a um movimento, sei e não sei que fez treinamento em Cuba, sei e não sei que jamais desferiu um tiro com alvo certo, que se limitou a atender os feridos nas batalhas de rua, a procurar novos quadros, a pregar o marxismo nas favelas. Ele sabe e não sabe que escrevo este livro, que este livro é sobre meu irmão, mas também sobre eles. Quando sabe, diz que vai mandar o documento da Operação Condor em que consta seu nome. Eu lhe peço que mande, mas não conto que quero inseri-lo no livro, que pretendo absurdamente atestar minha invenção com um documento. Envergonhado, talvez, com a própria vaidade, ele nunca me manda o arquivo; eu nunca volto a pedir, envergonhado também.



 **Julián Fuks** é paulistano e nasceu em 1981. Escritor e jornalista, é autor do livro de contos *Fragmentos de Alberto, Ulisses, Carolina e eu* (2004) e do romance *Procura do romance* (2012). O texto publicado pelo **Cândido** fazem parte do mais recente romance de Fuks, *Resistência*, que será lançado em novembro de 2015. O autor vive em São Paulo (SP).

Fotos Kraw Penas



Madrugada acesa

Há 40 anos, o publicitário e escritor Antonio Cescatto compra e lê mais de 1 livro ao mesmo tempo, o que resultou em um acervo de 2 mil títulos, incluindo obras de psicologia, ciência, crítica, teoria e, principalmente, literatura

MARCIO RENATO DOS SANTOS



C

oática. Assim Antonio Cescatto, 58 anos, define a sua biblioteca. O curitibano acumulou 2 mil títulos durante mais de quatro décadas, incluindo passagem por 7 casas até se estabelecer, em 2001, em um apartamento no bairro Ahú, na capital paranaense. “Perdi muita coisa nas mudanças, incluindo preciosidades literárias, mas também incorporei obras das bibliotecas de uns amigos. Isso é normal, faz parte do fluxo da vida”, diz o leitor que não pede emprestado e também não empresta livros.

O apego à coleção não está, por exemplo, relacionado ao fato de ter os livros acessíveis para uma releitura. Ele não costuma reler, apesar de que, recentemente, revisitou a obra de Julio

Cortázar, “uma paixão antiga”. Prefere não emprestar nenhum título da biblioteca porque tem o hábito de fazer anotações nas páginas, a respeito do que lê, mas principalmente por registrar ideias que já resultaram em obras autorais, como o romance *O mundo não é redondo* (2010) e as novelas *Preponderância do pequeno* (2011) e *Cloaca* (2012).

Os livros de literatura ocupam a maior parte da biblioteca. Há prateleiras em 4 cômodos do apartamento com obras, entre outros autores, de Dante Alighieri, Elvira Vigna, Philip Roth, Oswald Andrade, Vladimir Nabokov, Cyro dos Anjos e Karl Ove Knausgaard.

Cescatto comenta que, desde

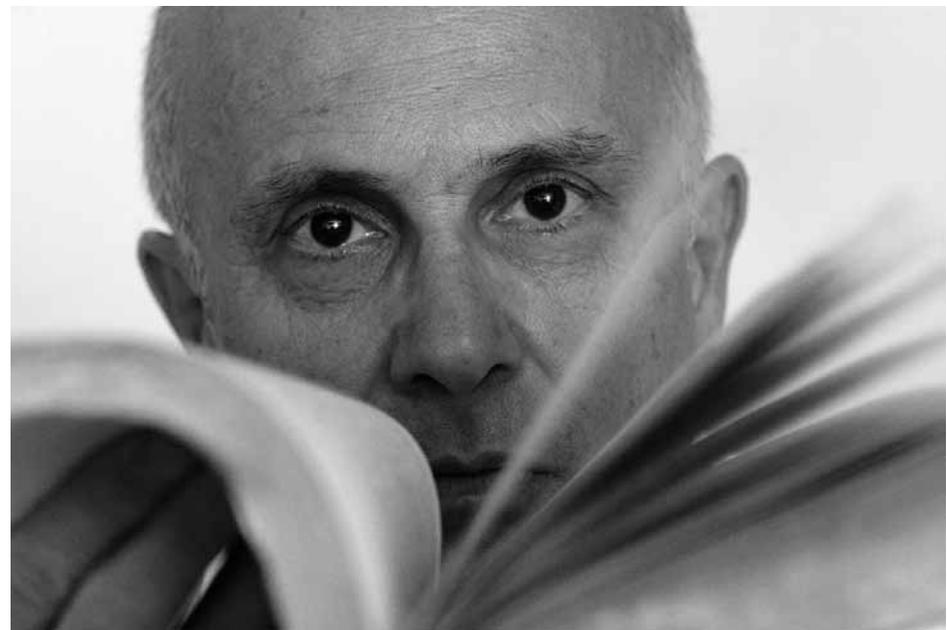
menino, é leitor de prosa e também de poesia. Concluiu o curso de Medicina, mas não exerceu a profissão na qual pensou que poderia colocar em prática um conhecimento específico. A partir da década de 1980, tornou-se publicitário, inicialmente como redator e, em seguida, diretor de criação.

Volta de viagens, de trabalho ou férias, com livros na bagagem, muitos comprados em sebos. Também frequenta livrarias e faz aquisições pela internet, neste caso, de títulos em inglês, espanhol, francês e italiano — idiomas que aprendeu a ler sozinho, consultando dicionários.

Ele diz que só compra o que realmente pretende ler. “Quero usufruir agora, imediatamente, mas nem sempre

consigo. E só entra na minha biblioteca o que me interessa.” Além da literatura, tem interesse em livros de psicologia, como *Outros escritos*, de Jacques Lacan, e também em obras científicas, por exemplo *In search of memory*, de Eric R. Kandel, crítica de arte — *An anthropology of images*, de Hans Belting, e outras áreas do conhecimento.

A leitura, para Cescatto, exige silêncio quase absoluto e isolamento. Casado com a fotógrafa Juliana Stein, pai de Nina, 11 anos, e de Pedro, 4, procura brechas para ler por pelo menos duas horas todo dia, de manhã ou, recentemente, durante as madrugadas: “Preciso estar na companhia de 5 ou 6 livros. Faz parte da minha rotina.” ■



Fotos Kraw Penas

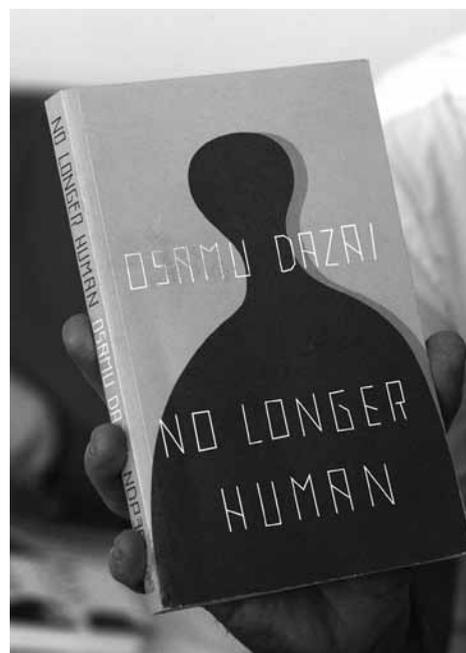


Minima moralia (1951), de Theodor W. Adorno

"Um dos livros extraordinários que li nos últimos tempos, em edição inglesa. O renomado intelectual alemão escreveu esta obra, no final da Segunda Guerra, que dialoga profundamente com os impasses do mundo contemporâneo."

The crack-up (1936), de F. Scott Fitzgerald

"Essa edição inglesa, organizada por Edmund Wilson, traz alguns textos de Fitzgerald, em especial a peça *The crack-up*. Trata-se de um testemunho da derrocada do autor, ícone de uma geração, escrita pouco antes dele morrer, em 1940."



Ferdynurke (1937), de Witold Marian Gombrowicz

"Gombrowicz, polonês que se radicou na Argentina, escreveu este livro incrível, em que um adulto é recolocado em uma escola. A obra faz um elogio à imaturidade. Afinal, ser imaturo tem lá as suas vantagens, não é necessariamente algo ruim, como muita gente insiste em dizer."

No longer human (1948), de Osamu Dazai

"Esse autor japonês, Osamu Dazai (1909-1948), teve uma vida relativamente curta e, em *No longer human*, ele se vale de um humor surpreendente para apresentar um anti-herói lírico: o protagonista é um garoto que passa privações em Tóquio."

A guerra está em nós (1968), de Marques Rebelo

“Terceira parte da trilogia *O espelho partido*, *A guerra está em nós* é um dos raros livros que sempre estou relendo. Escrito em forma de diário, o texto mistura ficção e realidade para apresentar um painel do Brasil entre 1940 e 1945, que parece muito com o país agora.”

Malagueta, Perus e Bacanaço (1963), de João Antônio

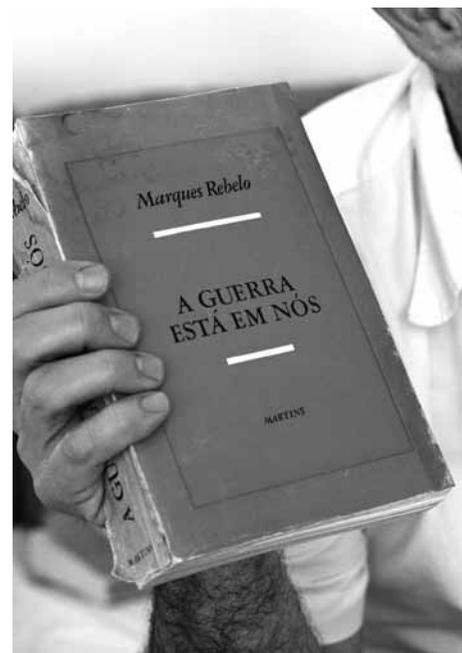
“Outro livro que costumo reler. O escritor paulistano João Antônio (1937-1996) foi um artista. Ele construiu frases incríveis para mostrar um velho salão de sinuca, onde três amigos se encontram. É impressionante como o autor domina o coloquial.”

Seven men and two others (1950), de Max Beerbohm

“O livro, do renomado autor inglês, traz um dos contos mais perfeitos que conheço, ‘Enoch Solmes’, no qual o personagem é um escritor que pretende garantir o nome na posteridade e, para realizar o que deseja, faz um pacto com aquele que a gente não deve pronunciar o nome (diabo).”

Plays (edição de 1982), de Henrich von Kleist

“Sou um leitor de textos de teatro. Tenho uma coleção com o teatro completo de Bernard Shaw. Mas este livro, *Plays*, é um dos meus favoritos. É uma coletânea com peças de Henrich von Kleist, autor alemão que soube, como poucos, fazer a releitura de mitos clássicos.”



CLIQUESES

EM CURITIBA





Javã Társis tem 25 anos e é fotógrafo *freelancer*. O ensaio publicado pelo **Cândido** captura momentos intimistas de pessoas no meio da multidão. “O ser humano só reconhece sua liberdade quando está só. As fotos deste ensaio tentam buscar esses momentos no meio dessa multidão”, explica Társis.





POEMAS | JOÃO MANUEL SIMÕES

PERFIL, EM PRETO E BRANCO, DE UM CAPITALISTA SEM NOME

Apesar de capitalista
ortodoxo, convicto,
era radicalmente
marxista.
(E, dos três irmãos,
preferia o Groucho).

Mais: adorava
Das Kapital,
investindo sempre
em ouro, dólar
ou euro,
num banco helvético.
Costumava gozar
os rendimentos
sentado num banco
da praça Santos Andrade.
(Geralmente,
à sombra).

VIDA & BEBIDA

Não: beber, não bebi.
Contudo, sinto-me ébrio
da vida que vivi.

MACBETH ATO V, CENA V

Curiosamente, foi nessa peça amarga,
talvez a mais amarga de todas as
peças,
que Shakespeare consignou
o seu verso mais doce:
the milk of human kindness
Só esse leite da ternura humana
evita que a nossa vida seja aquela
*tale told by an idiot, full of sound
and fury, and signifying nothing.*
E o resto é silêncio, e ouvido, e pó.

JAMES JOYCE & STEPHEN DEDALUS

São dois os corpos sepultados
em Zurique. Um é o de Stephen
Dedalus, “as a young man”,
labirinto cruzando labirintos
(em Dublin e alhures). O outro,
de James Joyce, no caso,
certamente, “as an old man”.

Dois corpos, dois túmulos, dois féretros.
E há gente que jura que era um apenas.

MENINICE

Estranha ambiguidade
da idade ambígua:
a criança, pai do homem
vai ruminando, em silêncio,
a clássica dúvida de Hamlet:
ser ou não ser grande?
(Ah, como demora sê-lo!)



POR QUEM DOBRAM OS SINOS, JOHN DONNE?

Não dobram certamente pelos mortos,
mas pelos vivos.
Sobretudo pelos nascituros
que dormem ainda o seu sono incauto
no seio das placentas
 funéreas,
tão lembrando esquifes prematuros.

PIROTÉCNICO

Porventura haverá
 melhor ofício
do que ser produtor,
a vida inteira,
de torrentes de fogos
 de artifício?
Não há, nem pode haver.
 Porém, se houver,
feliz, feliz de quem
o exercer.

CONFICÇÃO

Confesso: nunca fiz poesia
 hermética,
e muito menos versos
 enigmáticos.
Quero que sejam filhos
 de uma estética
que os faça faça puros, simples,
claros,
áticos.

OUTRA

Bem sei que modernistas
 ortodoxos
abominam a métrica
 e a rima.
Porém eu, que venero paradoxos,
embora modernista radical,
tenho que por elas uma funda estima,
que eu diria que é quase
 visceral.
(E este poeminha símplice
o confirma).



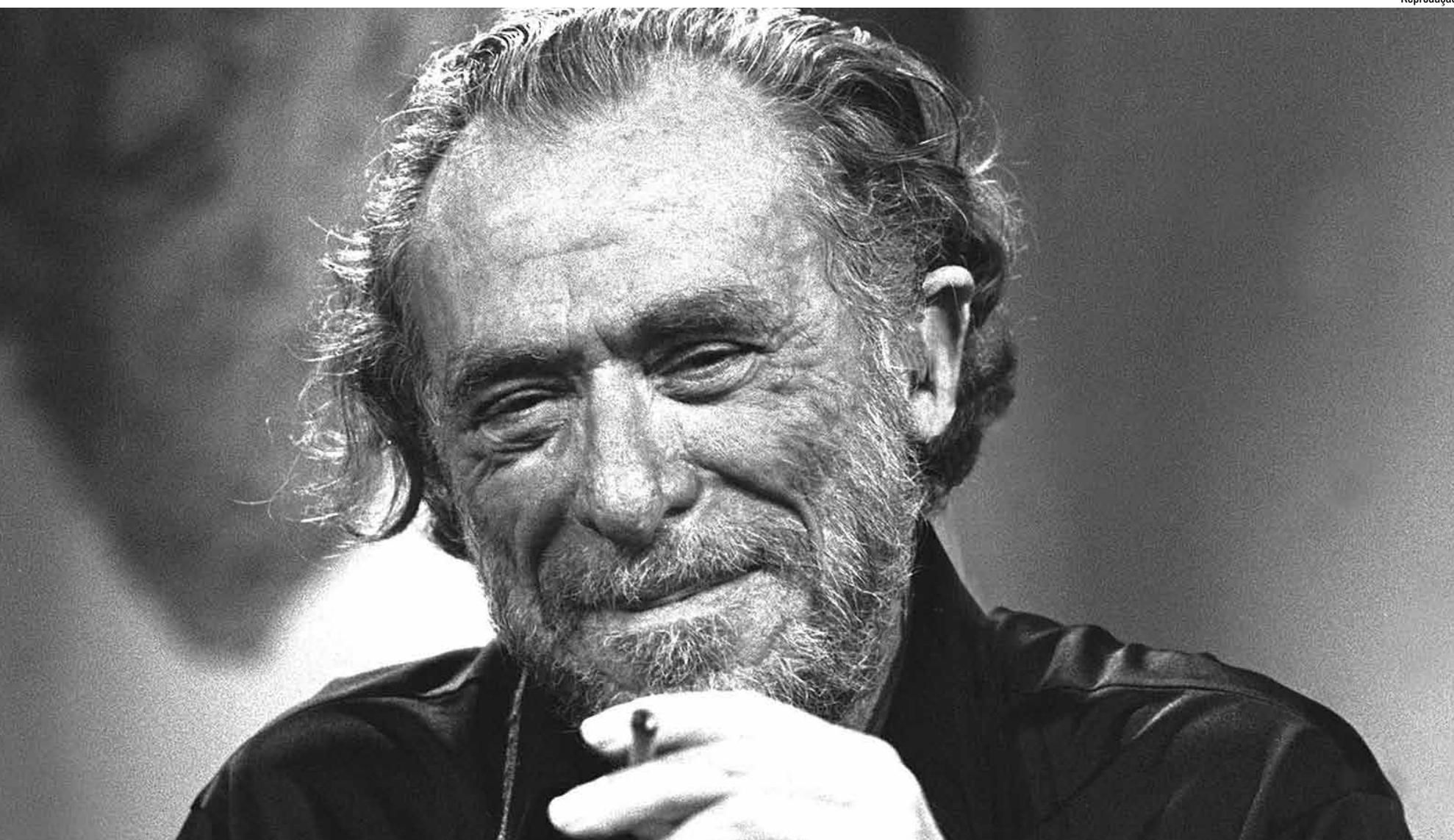
João Manuel Simões nasceu em Mortágua, Portugal, e vive em Curitiba (PR) desde 1954. É autor de mais de 50 livros, entre crítica, contos e ensaios. Em 2015 foi editado o primeiro dos quatro volumes que vão reunir toda sua obra poética produzida entre o período de 1960 e 2010. Os poemas publicados neste edição fazem parte da nova seleta de poesia do autor, que a Editora do Chain publica ainda este ano.

O escritor que abalou o sonho americano

A partir da própria experiência de vida, repleta de percalços e dificuldades, Charles Bukowski construiu uma obra marcada pela simplicidade da escrita e pelo conteúdo avesso aos valores da sociedade que o gerou

LUÍZ REBINSKI

Reprodução



Viver intensas jornadas étlicas e experiências boêmias é uma tática recorrente entre jovens que querem se tornar grandes escritores. As estatísticas são cruéis, mas um conseguiu: Charles Bukowski (1920-1994).

O autor americano, nascido na Alemanha, é talvez o melhor exemplo de um pária social que transformou sua derrocada pessoal em matéria-prima para uma literatura original. Seu sucesso, em grande parte, deriva do fracasso.

Fenômeno entre o público jovem de vários países, Bukowski é também um caso de sucesso no Brasil, país acostumado com baixos índices de leitura, principalmente — e mais grave — nas faixas etárias menores. Há 32 anos sua obra é publicada de forma ininterrupta pela editora gaúcha L&PM. Os dois primeiros livros saíram em 1983, *Crônica de um amor louco* e *Fabulário geral do delírio cotidiano*. Isso quer dizer que a literatura do autor já foi lida por várias gerações de leitores brasileiros. E ainda resiste bem.

“Nos anos 1980, muito pouco se sabia dele. Eu diria que além de nós da editora, só uma meia dúzia de pessoas tinha ouvido falar em Bukowski. Eu o conheci na Itália, primeiro país em



Da esquerda para direita, o diretor italiano Marco Ferreri, o ator americano Ben Gazzara e Bukowski. Ferreri foi o diretor de *Crônica de um amor louco*, filme baseado em contos do autor americano.

que fez sucesso fora dos Estados Unidos”, explica Ivan Pinheiro Machado, editor da L&PM.

Machado diz que Bukowski não chega a ser um *best-seller*, mas que tem “venda constante”. Outro fator que ajuda a manter o escritor em alta, diz o editor, é o formato de bolso em que seus livros costumam ser editados. “A

coleção L&PM Pocket, por conta do preço, é mais acessível aos jovens, público que sempre se renova e o venera.”

Bukowski era um rebelde. Sua trajetória errática, incluí sérios desentendimentos com o pai, desemprego, falta de perspectivas financeiras, alcoolismo e prisões. Mas, principalmente, o escritor era um contestador do mundo

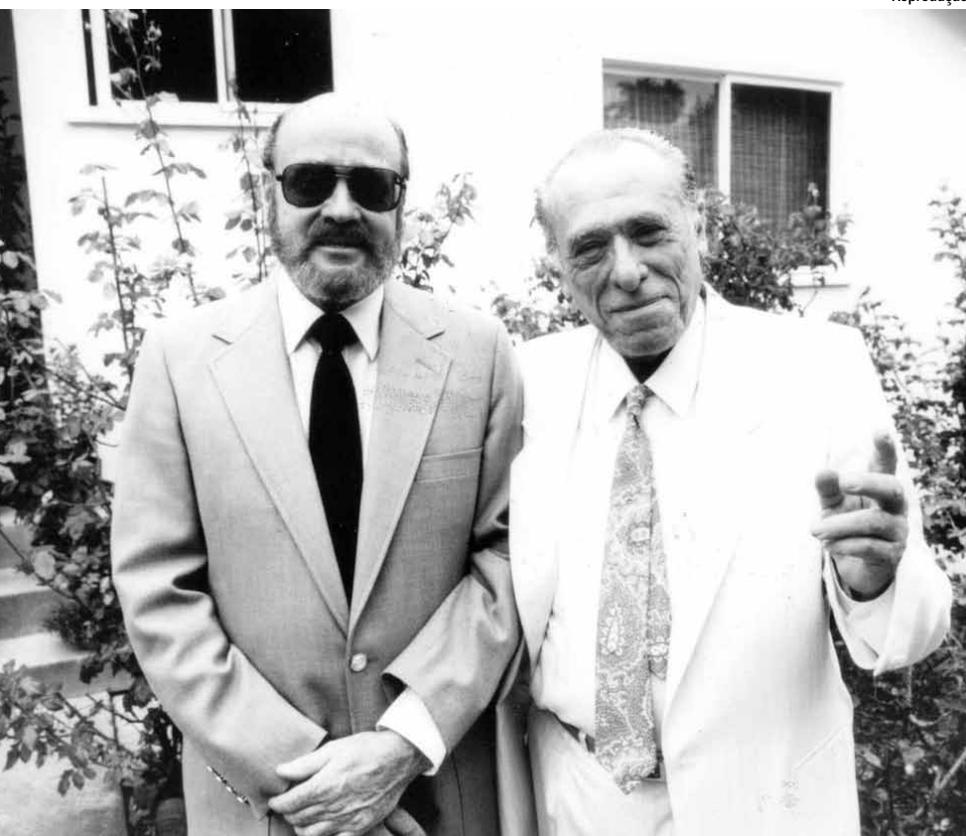
do qual fez parte, ou seja, a sociedade americana do século XX. Isso, certamente, explica o fascínio que Bukowski exerce sobre leitores jovens.

“A irreverência e honestidade de Bukowski são recursos que atraem jovens leitores em todo o mundo. Ao contrário da maioria dos adultos, ele não aprendeu a ser um diplomata polido. Sempre foi um rebelde, e essa é a persona favorita dos jovens”, diz Howard Sounes, autor da biografia *Charles Bukowski, vida e loucuras de um velho safado*, publicada no Brasil pela editora Conrad e atualmente fora de catálogo.

O editor

Charles Bukowski começou a escrever poemas e contos muito cedo. Ainda jovem publicou seus trabalhos em diversos jornais e revistas *underground* e chegou a ter uma coluna no periódico *Open City*, chamada “Notas de um velho safado”, que deu a ele alguma notoriedade. Mas seu primeiro livro solo, *Flower, fist and bestial wail*, uma coletânea de poesia, só chegou na maturidade, quando o escritor tinha 40 anos e, pelo menos, outras duas décadas dedicadas à escrita.

Reprodução



Reprodução

Bukowski ao lado do editor John Martin, que criou a Black Sparrow Press para editar e distribuir a obra do escritor. Martin não bebia, e a esse fato é creditado o bom relacionamento que teve durante mais de 30 anos com Bukowski, um bebedor que gostava de armar confusão.

O ponto de virada na carreira do escritor se deu por acaso. John Martin, um homem comum que amava livros, leu a poesia de Bukowski em publicações marginais e se convenceu de que ele era o “novo” Walt Whitman. Martin então iniciou uma amizade com o escritor, que era tratado como ídolo pelo novo amigo. O homem se empolgou tanto que decidiu criar uma editora para publicar os trabalhos de Bukowski, até então muito dispersos em periódicos literários e livros de tiragens minúsculas. Para fazer a obra circular, Martin criou a Black Sparrow Press e propôs a Bukowski um salário de 100 dólares mensais para que largasse o emprego nos Correios e passasse a se dedicar exclusivamente à literatura.

Apesar de ser um contista com grande poder de síntese e de algumas de suas histórias curtas terem se tornado tão célebres quanto qualquer poema ou romance, foi com as narrativas mais longas que Bukowski deu outro passo à frente na carreira.

“Quando Bukowski deixou o emprego nos Correios dos Estados Unidos, na metade da vida, sentiu que precisava tentar escrever um romance, na esperança de ganhar algum dinheiro com literatura. Assim, surgiu *Cartas na rua*. A partir daí passou a escrever vários romances e mais histórias curtas”, explica Sounes.

Cartas na rua, publicado em 1971, foi o primeiro de uma série de cinco romances que repassavam a vida



Reprodução

Bukowski ficou amplamente famoso por ser um bebedor — uma mosca de bar — e por basear muitas de suas histórias nas próprias experiências com álcool. Mas não se considerava um alcoólatra. Para o escritor, um homem produtivo como ele não poderia ser taxado de alcoólatra.

e as fases de Henry Chinaski, o personagem que o escritor celebrizou em contos no início da carreira. Com uma linguagem acessível, que beirava a oralidade, Bukowski conquistou leitores no mundo inteiro e, no ano seguinte à publicação, o romance já estava traduzido em 15 países.

É na prosa de mais fôlego também que Bukowski burila sua escrita e afia o estilo de narrar em primeira pessoa, o que, diferentemente do que se pensa ainda hoje, é uma opção em que o fracasso quase sempre dá as caras. Mas com Bukowski isso funcionou. Fã de Ernest Hemingway e John Fante, dois autores que primavam por um estilo mais simples, Bukowski

conseguia passar credibilidade para sua voz narrativa, no caso o atormentado Henry Chinaski. Muito em função, claro, de sua própria experiência como funcionário dos Correios em Los Angeles, e das adversidades que viveu.

No livro, o mundo do trabalho é brilhantemente retratado por um homem que consegue rir dos próprios reveses. Não há autocomiseração, e esse certamente é outro atrativo que mantém a prosa de Bukowski viva para leitores de outros tempos.

Além da temática do trabalho, os romances, segundo o biógrafo Howard Sounes, são um bom termômetro para analisar outra característica marcante da obra de Charles Bukowski: a auto

ENTRE O POETA E O PROSADOR

Durante muitos anos, o leitor brasileiro conheceu apenas a face de prosador de Charles Bukowski. Mas a poética do autor aos poucos vem sendo descoberta no país. O escritor estreou com um coletânea de poesia, em 1960, e seus escritos no gênero duelam em quantidade e qualidade com sua produção em prosa. Portanto, ainda há muito material para ser traduzido.

O editor Ivan Pinheiro Machado explica que optou, primeiramente, criar um público leitor de Bukowski antes de publicar a poesia do autor. “A prosa é mais acessível ao público quando o autor não é muito conhecido. Nós passamos a publicar os poemas só depois que o seu nome já era objeto de culto e, portanto, mais fáceis de serem compreendidos e absorvidos.”

O poeta curitibano Fernando Koproski acaba de publicar a tradução da terceira coletânea de poemas de Bukowski, *Maldito Deus arrancando esses poemas de minha cabeça*. Os dois primeiros volumes, *Essa loucura roubada que não desejo a ninguém a não ser a mim mesmo* (7Letras 2005) e *Amor é tudo que nós dissemos que não era* (7Letras, 2012) já estão na segunda edição — o que é um pequeno feito, tratando-se de poesia.

“Há um público crescente, cada vez maior, de pessoas interessadas na poesia do velho Buk. Posso dizer isso levando em conta a ótima receptividade que tiveram as duas antologias poéticas que organizei e traduzi”, diz Koproski, que nos últimos 15 anos passou “um propício pente fino” em toda a obra poética publicada por Bukowski, que consiste em mais de 30 livros.

Além das coletâneas de Koproski, a partir dos anos 2000 também foram publicadas as antologias *Os 25 melhores poemas de Bukowski*, em tradução de Jorge Wanderley, e *Open all night*, este dividido em quatro volumes e viabilizado pela Spectro Editora, de Santa Catarina.

Instigado a responder quem é mais interessante, o Bukowski poeta ou o prosador, Claudio Willer não crava sentença. Isso porque, segundo o tradutor, Bukowski embaralha gêneros e é igualmente bom em ambos os casos. “Ele chega a publicar narrativas em prosa como se fossem poemas, em versos, ou então o contrário, passou poemas para o modo prosa”, diz. ■





Já na maturidade, quando começava a ficar famoso, Bukowski conheceu novos amigos. Um dos mais próximos foi o ator Sean Penn, que frequentava a casa do escritor em San Pedro, em Los Angeles.



Reprodução

ficção. Ou, como o escritor “melhorou” sua vida na literatura que escreveu. “A diferença entre a vida e o trabalho é um dos temas principais do meu livro — onde eu analiso as histórias para ver o quanto são verdadeiras. Os contos e romances, normalmente, são uma ligeira distorção da realidade, geralmente, um exagero, mas isso não quer dizer que não são autênticos. Eles têm a sua própria verdade poética.”

Os romances posteriores a *Cartas na rua* seguiram na mesma linha, com Bukowski alternando os temas conforme as fases da vida de Chinaski. *Factotum* (1975) é sobre subempregos; *Mulheres* (1978), baseado nos muitos casos amorosos que o escritor viveu;

Misto quente (1982) retrata a infância do personagem; *Hollywood* (1989), uma sátira sobre o mundo do cinema; e *Pulp* (1994), publicado postumamente, o livro mais diferente de todos, uma novela de detetive. Em comum, há muito humor em todos eles, apesar das dificuldades enfrentadas por Chinaski.

Além do mito

A literatura de Charles Bukowski também vai além daquilo que o lado festivo de seus contos e poemas pode sugerir. A retrato nonsense de um beberrão de meia-idade funciona bem como porta de entrada para os leitores, mas há outros atrativos na obra de Bukowski, como a linguagem.

“O melhor dele é quando alcança o máximo de expressão com o mínimo de recursos. Ele tem senso de humor e humor negro. É um mestre da ironia, do sarcasmo. Bukowski promove uma confusão proposital entre poesia e prosa, trazendo sua vida — evidentemente algo fantasiada, ficcionalizada — para o texto”, explica Cláudio Willer, tradutor de *As pessoas parecem flores finalmente*, coletânea de poemas publicada este ano pela editora L&PM.

O também tradutor Fernando Koproski lembra de outros aspectos da obra do escritor, muitas vezes negligenciados por leituras mais apressadas. “Acho cativantes as considerações sobre a natureza humana, a forma ríspida e

lírica com que o ‘velho’ trata da desesperança, inquietude, considerações sobre o envelhecimento e morte”, diz Koproski, que já verteu para o português três coletâneas de poemas de Bukowski. O volume mais recente, *Maldito Deus arrancando esses poemas de minha cabeça*, recém-lançado pela editora 7Letras.

A vida de trabalho duro que Bukowski experimentou muito cedo, logo após sair de casa pela primeira vez, em 1941, aos 21 anos, seria outra experiência importante para compor a obra do autor. Bukowski viveu, na prática, o lado escuro do “american way of life”. Para ele, o modo de vida americano nunca foi realidade, e sua obra representa um contraponto ao *slogan*. Ou, como o biógrafo Sounes prefere, “Bukowski peidou na cara do sonho americano”. “A sociedade americana é, de fato, estratificada, com uma distinta subclasse. O escritor nadou com essa subclasse.”

O fato é que Bukowski pareceu sempre estar no lugar certo, na hora certa. Tudo, em sua trajetória mambembe, ajudou-o no final das contas. A infância infeliz, os dissabores amorosos, o álcool como combustível para encarar a vida e um inegável talento para escrever de forma compreensível e muito sincera fizeram dele um escritor original. “Ele é muito verdadeiro e sua temática incomoda porque mostra o lado obscuro da ‘grande sociedade americana’. Bukowski se ocupa dos desvalidos, das putas, dos bêbados, dos perdedores, daquela camada que o sistema expele e não gosta de mostrar. Ao fazer isso, ele cumpre seu papel. Mas ao mesmo tempo em que desnuda a violência do sistema, ele sabe ser lírico, poético e emocionante. Tudo isso porque ele é um gênio.”, diz Ivan Pinheiro Machado. ■

ELE NÃO ERA UM BEAT

Bukowski geralmente é atrelado aos poetas da geração beatnik. Há conexões, mas para o biógrafo Houward Sounes, o escritor está sozinho na literatura norte-americana. “Ele nunca fez parte do *establishment* literário, nunca foi *mainstream* e também não era um *beatnik*, embora às vezes seja confundido com eles — de quem ele não gostava, diga-se. Ele era dono de si.”

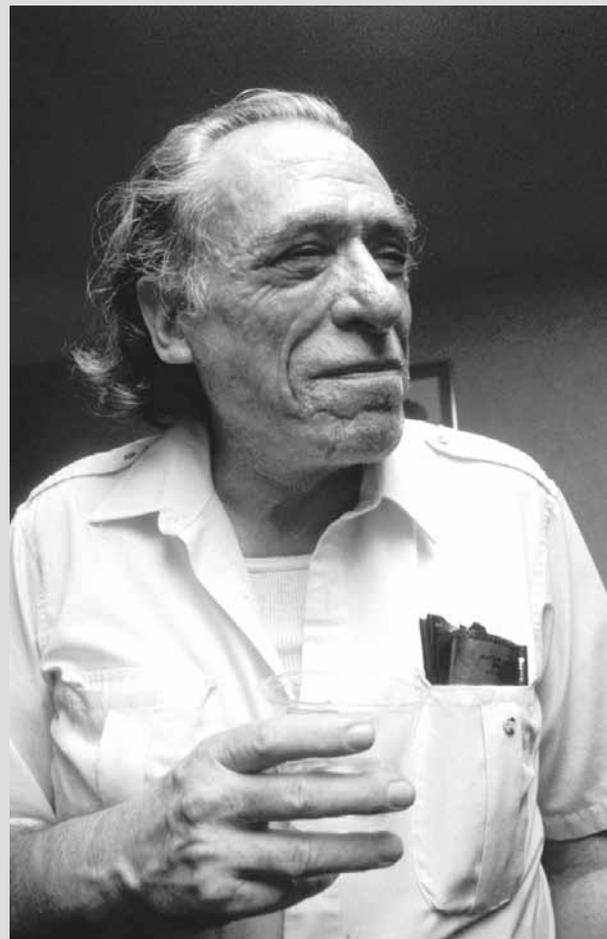
Se a linguagem menos reverente à tradição poética, que tanto Bukowski quanto os beats perseguiam, os unia, a visão de mundo era completamente diferente. A começar pelo homossexualismo dos beatniks, que incomodava o escritor. Ainda assim, Bukowski passou por cima de seu preconceito no caso do poeta Harold Norse, de quem tinha real admiração intelectual.

Outro beatnik célebre que Bukowski admirava era Neil Cassady, o famoso amante de Allen Ginsberg que ficou conhecido por ser a matriz do personagem Dean Moriarty em *On the road* (1957), romance de Jack Kerouac. Assim como Bukowski, Cassady também havia perambulado por subempregos, estivera na cadeia várias vezes, gostava de beber cerveja e apostar em cavalos. Os gostos, portanto, os uniam.

Os dois se encontraram no natal de 1967, quando Cassady passou por Los Angeles. Cassady também era conhecido por sua habilidade ao volante. Durante muitos anos, foi o motorista do ônibus psicodélico da turma “Merry Pranksters” (Sacanas Felizes), comandada pelo também escritor Ken Kesey. Bukowski pegou uma carona com Cassady e, ao que tudo indica, depois da viagem, sujou as calças.

“Em *Notas em um caderno manchado de vinho*, Bukowski reconhece a importância de Ginsberg como o poeta que promoveu uma abertura. Tornou-se mais legível, ganhou mais circulação, graças à contracultura, ao ambiente que se constituiu a partir da *beat generation*. Mas, notoriamente, comprometimento em política, misticismo, participação em grupos, em algo coletivo, não eram com ele”, diz o tradutor Claudio Willer. ■

Reprodução



Bukowski para ver e ler



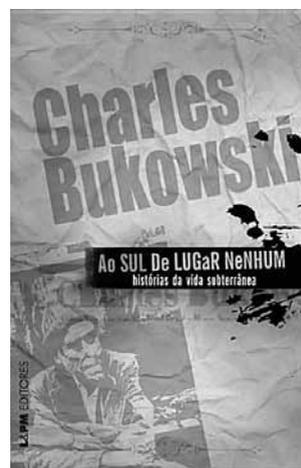
CRÔNICA DE UM AMOR LOUCO (FILME, 1981)

Um dos filmes sobre a obra de Charles Bukowski mais apreciados por seus leitores, o longa do italiano Marco Ferreri é uma adaptação livre de alguns contos de Bukowski, em especial de *A mulher mais linda da cidade*, uma das mais célebres histórias do escritor, em que uma prostituta (vivida no filme por Ornella Muti), atormentada pela vida que leva, se mutila e depois comete suicídio. O personagem principal, Charles Serking, interpretado por Ben Gazzara, é um poeta beberrão claramente inspirado em Bukowski. A mais “artística” adaptação da literatura do autor, com o passar dos anos virou um *cult movie*. Só o próprio Bukowski não gostou.



CARTAS NA RUA (ROMANCE, 1971)

Primeiro romance de Charles Bukowski, *Cartas na rua* é também o livro mais conhecido do escritor. Em um estilo bastante livre, com uma prosa que beira a oralidade, Bukowski narra as próprias memórias do tempo em que trabalhou como carteiro. No centro da narrativa está Henry Chinaski, personagem recorrente na obra em prosa de Bukowski. Ao longo do livro é possível identificar as influências de Ernest Hemingway e John Fante, pela opção de uma prosa direta, com diálogos simples. Bukowski começou a escrever *Cartas na rua* após a sugestão do editor John Martin, que achava que os romances poderiam render mais dinheiro a Bukowski, que em três semanas entregou o livro.



AO SUL DE LUGAR NENHUM (CONTOS, 1973)

A maior parte dos livros de contos de Charles Bukowski é feita de retalhos, pois o escritor publicava sua prosa em revistas e jornais antes de reuni-la em livro. *Ao sul de lugar nenhum* foi concebido assim. E é um dos melhores trabalhos do escritor. Nesta coletânea os porres homéricos e relacionamentos falidos estão presentes, mas dividem espaço com histórias baseadas na pura imaginação, sem tanta interferência de sua biografia. É o caso dos contos “Matador” e “Os assassinos”, textos com toques de literatura *noir*.



BARFLY (FILME, 1987)

A expressão “mosca de bar” é recorrente nos contos de Bukowski, e foi esse o título escolhido pelo diretor Barbet Schroeder para seu longa sobre as desventuras de Henry Chinaski, o alter ego de Bukowski. Essa foi a produção cinematográfica em que o escritor mais se envolveu, escrevendo o roteiro, frequentando o set de filmagem e até mesmo fazendo uma ponta como “mosca de bar”, sem proferir nenhuma palavra. O filme inicialmente teria Sean Penn no papel principal, que sugeriu que Dennis Hooper, astro de *Easy Rider*, fosse o diretor. Bukowski não concordou e Schroeder assinou o longa, com Mickey Rourke no papel principal.



MULHERES (ROMANCE, 1978)

Charles Bukowski não era propriamente bonito. Na adolescência teve sérios problemas com acne, seu cabelo era meio seboso e ele também não se vestia muito bem. Nada que o impedisse de ter muitos relacionamentos amorosos. *Mulheres*, segundo romance do escritor, baseia-se nas experiências amorosas do “Velho Safado”, principalmente de seu relacionamento com Linda Lee. No romance, ela aparece como a personagem Sara.



CRAZY LOVE (FILME, 1987)

Realizado pelo belga Dominique Deruddere, *Crazy love* é a adaptação que Charles Bukowski mais gostou. Baseado em três contos do escritor, a trama se desenrola através de três momentos da vida do trágico personagem Harry Voss e sua incessante busca por amor e aceitação: da adolescência conturbada até um homem amargo e solitário. Falado em francês, *Crazy Love* conquistou Bukowski, que o julgava como uma das mais fiéis adaptações do universo de desesperança e degradação criado por ele em sua literatura. O escritor assistiu ao filme em Los Angeles, junto com os atores Sean Penn e Elliott Gould e a cantora Madonna.



O AMOR É UM CÃO DOS DIABOS (POEMAS, 1977)

Coletânea que reúne poemas de 1974 a 1977, é um dos livros de poesia mais populares de Charles Bukowski. A maioria dos poemas trata da complicada vida amorosa do escritor em meados dos anos 1970. A poesia de Bukowski se aproxima muito da linguagem e temática de seus contos, com diálogos e narrativas que contam histórias. Sob vários aspectos, *O amor é um cão dos diabos* é um livro que se conecta ao romance *Mulheres*, ambos escritos na mesma fase da vida do escritor e com o mesmo tema.



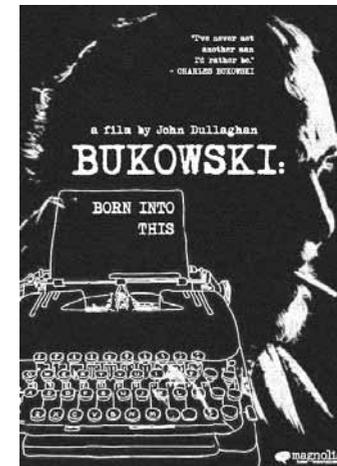
FACTOTUM (FILME, 2005)

Adaptação do romance homônimo escrito por Bukowski em 1975, *Factotum* narra a vida profissional errante de Henry Chinaski, personagem recorrente na obra do autor. No filme do diretor Bent Hamer, o lado mais festivo da obra de Bukowski dá espaço para um clima mais depressivo, com Chinaski sendo demitido de vários empregos e tendo dificuldades para se sustentar. A história de um jovem pobre tentando ser escritor, lembra em muito a saga de Arturo Bandini em *Pergunte ao pó*, livro de John Fante que Bukowski venerava. O filme divide opiniões e é a adaptação mais recente de um livro do escritor.



THE DAYS RUN AWAY LIKE WILD HORSES OVER THE HILLS (POEMAS, 1969)

Esta foi a primeira antologia substancial da obra de Bukowski publicada pela Black Sparrow Press. A coletânea reúne poemas que apareceram primeiramente em livros de tiragens minúsculas e revistas *underground*. Os poemas são, em sua grande maioria, melancólicos e foram escritos sob o impacto da morte de Jane Baker, uma das amantes do escritor. Jane também serviria de modelo para personagens variados da prosa do escritor, como Betty do romance *Cartas na na rua*.

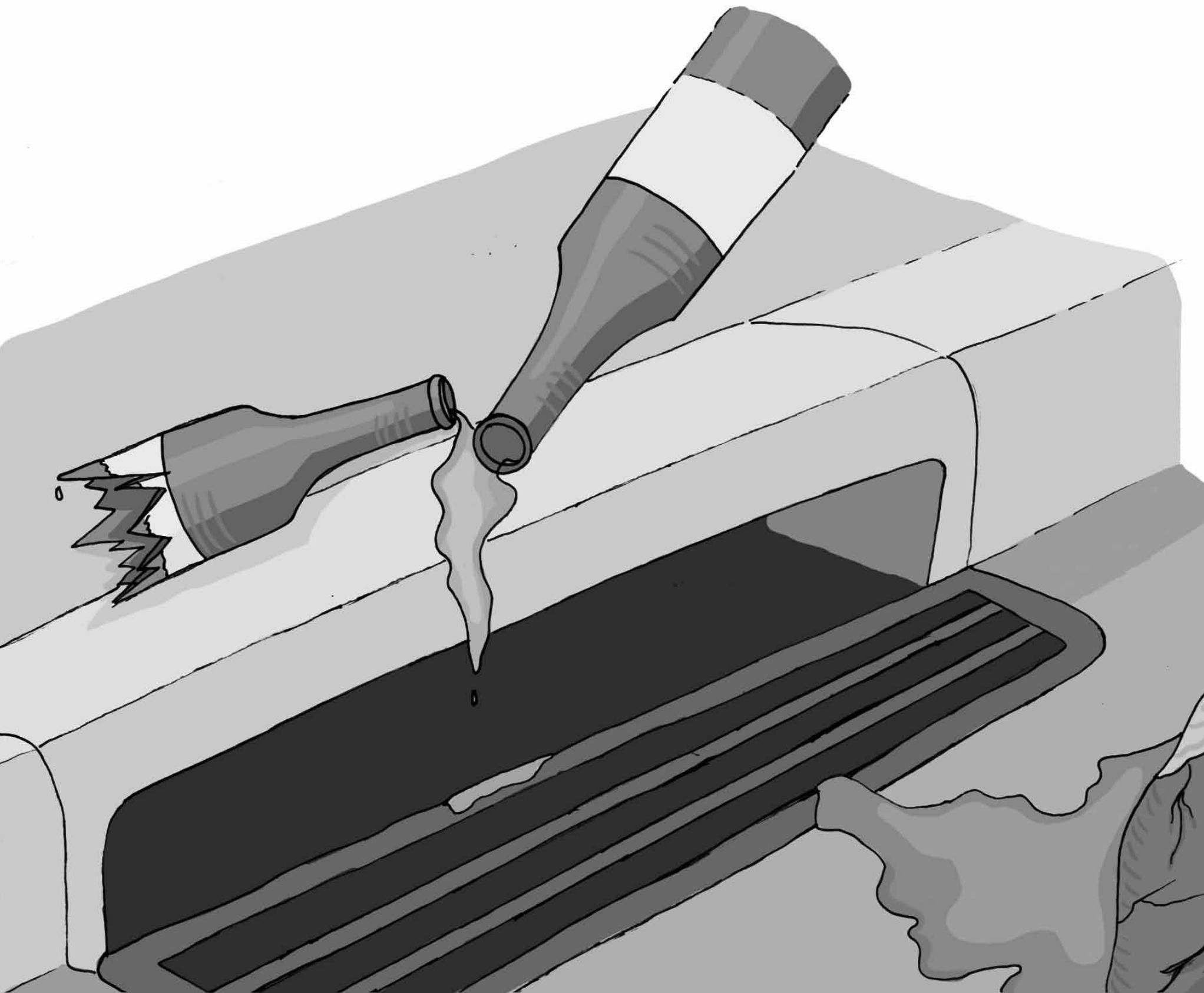


BORN INTO THIS (DOCUMENTÁRIO, 2003)

Há muitos documentários sobre Bukowski, mas *Born into this* (título tirado de um poema do escritor), dirigido por John Dullaghan, certamente é um dos mais completos. A cena inicial do filme mostra Bukowski vomitando — por conta do nervosismo e do álcool — antes de fazer uma leitura pública de seus poemas em evento promovido pela City Lights Books, a livraria e editora do poeta beat Lawrence Ferlinghetti. O documentário traz entrevistas com amigos do escritor e imagens de arquivo do próprio Bukowski falando sobre seu modo de escrita e seu estilo de vida.



POEMAS | CHARLES BUKOWSKI



FACTOTUM 1

A poem is a city filled
With streets an sewers
Filled with saints,
Heroes, beggars, madmen,
Filled with banality and booze
Filled with rain and thunde
And periods of drought

A poem is a city at war
It's a barbeshop
Filled with cinical drunks

A poem is a city
A poem is a nation
A poem is the world

FACTOTUM 1

Um poema é uma cidade
Cheia de ruas e esgotos,
Cheia de santos,
Heróis, mendigos e loucos
Cheia de banalidade e bebida
Cheia de chuva e trovão
E períodos de seca

Um poema é uma cidade em guerra
É uma barbearia
Cheia de bêbados cínicos

Um poema é uma cidade
Um poema é um país
Um poema é o mundo

FACTOTUM 2

If you are going to try
Go all the way
Otherwise don't even start
This could mean loosing
Girlfriends,
Wives, relatives, jobs
And maybe your mind
It could be not eating
For 3 o 4 days
It could mean
Freezing on a park bench
It could mean jail
It could mean derision
It could mean mockery, isolation

Isolation is the gift
All the others are
A test f your endurance
Of how much you
Really want to do it

And you'll do it
Depite rejection
And the worst odds
And i will be better than
Anything else you can imagine
If you are going to try
Go all the way
There is no other feeling
Like that
You will be alone with the gods
And the nights will flame with fire

You will ride life
Straight to perfect laughter
It's the only good fight there is

FACTOTUM 2

Se você for tentar
Vá até o fim
Do contrário nem comece
Isto significa perder namoradas,
Esposas, parentes, empregos
E talvez a própria cabeça
Pode significar
3 ou 4 dias sem comer
Congelar no banco da praça
Pode significar cadeia
Menosprezo, zombaria
Pode significar solidão.

Solidão é a dádiva
Tudo o mais é um
teste de persistência
Para medir o tamanho
da sua vontade.

E você fará
Apesar da rejeição
E do que de pior pode acontecer.
Mas isso será melhor do que qualquer
Coisa que você imaginar

Se você for tentar
Vá até o fim
Não há nenhuma sensação
Como essa
Você estará sozinho com os deuses
E as noites arderão em chamas.

Você vai levar sua vida
Em constante gargalhada
Esta é a única boa luta que existe.



Ilustração **Bianca Franco**

POEMAS | CHARLES BUKOWSKI

ONE FOR THE SHOESHINE MAN

the balance is preserved by the snails climbing the
 Santa Monica cliffs;
 the luck is in walking down Western Avenue
 and having the girls in a massage
 parlor holler at you, "Hello, Sweetie!"
 the miracle is having 5 women in love
 with you at the age of 55,
 and the goodness is that you are only able
 to love one of them.
 the gift is having a daughter more gentle
 than you are, whose laughter is finer
 than yours.
 the peace comes from driving a
 blue 67 Volks through the streets like a
 teenager, radio tuned to The Host Who Loves You
 Most, feeling the sun, feeling the solid hum
 of the rebuilt motor
 as you needle through traffic.
 the grace is being able to like rock music,
 symphony music, jazz...
 anything that contains the original energy of
 joy.
 and the probability that returns
 is the deep blue low
 yourself flat upon yourself
 within the guillotine walls
 angry at the sound of the phone
 or anybody's footsteps passing;
 but the other probability –
 the lilting high that always follows –
 makes the girl at the checkstand in the
 supermarket look like
 Marilyn
 like Jackie before they got her Harvard lover
 like the girl in high school that we
 all followed home.

there is that which helps you believe
 in something else besides death:
 somebody in a car approaching
 on a street too narrow,
 and he or she pulls aside to let you
 by, or the old fighter Beau Jack
 shining shoes
 after blowing the entire bankroll
 on parties
 on women
 on parasites,
 humming, breathing on the leather,
 working the rag
 looking up and saying:
 "what the hell, I had it for a
 while. that beats the
 other."

I am bitter sometimes
 but the taste has often been
 sweet. it's only that I've
 feared to say it. it's like
 when your woman says,
 "tell me you love me," and
 you can't.

if you see me grinning from
 my blue Volks
 running a yellow light
 driving straight into the sun
 I will be locked in the
 arms of a
 crazy life
 thinking of trapeze artists
 of midgets with big cigars
 of a Russian winter in the early 40's
 of Chopin with his bag of Polish soil
 of an old waitress bringing me an extra
 cup of coffee and laughing
 as she does so.

the best of you
 I like more than you think.
 the others don't count
 except that they have fingers and heads
 and some of them eyes
 and most of them legs
 and all of them
 good and bad dreams
 and a way to go.

justice is everywhere and it's working
 and the machine guns and the frogs
 and the hedges will tell you
 so.



UMA PARA O ENGRAXATE

o equilíbrio é mantido pelas lesmas escalando os rochedos de Santa Mônica;
 sorte é descer a Avenida Western
 e ouvir as garotas de uma casa
 de massagem te chamando, “Oi Doçura!”
 o milagre é ter 5 mulheres apaixonadas
 por você aos 55 anos,
 e a virtude é que você é capaz de amar
 apenas uma delas.
 a dádiva é ter uma filha mais delicada
 que você, com uma risada mais pura
 que a sua.
 a paz surge ao dirigir um
 fusca azul 67 pelas ruas como um
 adolescente, com o rádio ligado no Que Amor De
 Apresentador, sentindo o sol, sentindo o ronco firme
 do motor retificado
 enquanto você costura o trânsito.
 a graça é ser capaz de gostar de rock,
 música clássica, jazz...
 qualquer coisa que contenha o vigor original do
 prazer.

e a possibilidade que retorna,
 é a profunda e depressiva melancolia
 você estirado sobre você
 cercado por paredes de guilhotina
 furioso com o som do telefone
 ou com os passos de qualquer um passando;
 mas a outra possibilidade –
 a alegre euforia que sempre se segue –
 faz a garota do caixa do
 supermercado parecer
 com a Marilyn
 com a Jackie antes que tirassem dela seu amante de Harvard
 com a garota do colégio que todos
 nós seguimos até em casa.

há isso que faz com que você acredite
 em algo mais além da morte:
 alguém num carro chegando
 numa rua estreita demais,
 e ele ou ela desvia para deixar você
 passar, ou o velho lutador Beau Jack
 engraxando sapatos
 após estourar todas suas contas bancárias
 com festas
 com mulheres
 com parasitas,
 cantarolando, ofegando sobre o couro,
 manejando os trapos
 olhando pro alto e dizendo:
 “que porra, eu tive isso por um
 tempo. esse tempo compensa o
 atual.”

às vezes sou amargo
 mas quase sempre o sabor foi
 doce. acontece que tive
 medo de dizer. é tipo
 quando sua mulher diz,
 “fala que me ama,” e
 você não consegue.

se você me vir sorrindo em
 meu fusca azul
 acelerando no sinal amarelo
 dirigindo direto pro sol
 estarei preso nas
 garras de uma
 vida louca
 pensando em trapezistas
 em anões com grandes charutos
 em um inverno russo no início dos anos 40
 em Chopin e sua mala com terra da Polônia
 em uma velha garçonete me trazendo uma
 xícara de café a mais e rindo
 enquanto faz isso.

aprecio o seu melhor
 mais do que você imagina.
 as outras pessoas não contam
 apesar delas terem dedos e cabeças
 e algumas delas olhares
 e muitas delas pernas
 e todas elas
 sonhos bons e ruins
 e um caminho para trilhar.

a justiça está em todo lugar e funciona
 e as metralhadoras e as rãs
 e as cercas vivas assim irão te
 falar.

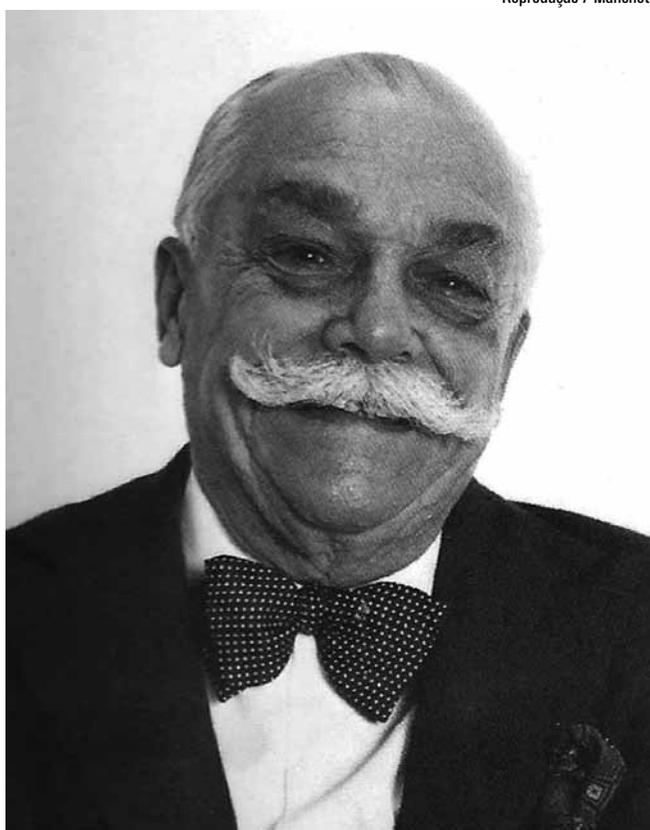
 **Fernando Koproski** é poeta, tradutor e letrista. Autor dos livros *Tudo que não sei sobre o amor* (poemas, 2003) e *Retrato do artista quando primavera* (poemas, 2014), entre outros títulos. Já organizou e traduziu três antologias poéticas de Charles Bukowski, todas publicas pela editora 7Letras: *Essa loucura roubada que não desejo a ninguém a não ser a mim mesmo* (2005), *Amor é tudo que nós dissemos que não era* (2012) e *Maldito Deus arrancando esses poemas de minha cabeça* (2015). Koproski vive em Curitiba (PR).

A vida: uma caricatura

Morto há 30 anos, o artista gráfico, jornalista e pesquisador Alvaro Cotrim, o Alvarus, foi uma figura de destaque na cultura brasileira entre as décadas de 1930 e 1980 – mas seu legado ainda é desconhecido pelas novas gerações

JOSÉ DANIEL SILVEIRA JÚNIOR

Reprodução / Manchete



O cartunista e colecionador Alvarus, com seu bigode marcante.

Lá se vão 30 anos da morte de Alvaro Cotrim (1904 — 1985), caricaturista, jornalista e pesquisador carioca mais conhecido como Alvarus. E o que se constata é que a posteridade ainda não reconheceu devidamente a popularidade gozada em vida por esta figura tão importante da cultura e da imprensa do país. É constangedor que isso aconteça justamente com um dos maiores *experts* da arte da caricatura no Brasil.

Na verdade, a constatação não é de hoje. Em 1999, o crítico literário Wilson Martins, em um artigo em que chama a atenção para a falta de ressonância da obra do caricaturista e humorista curitibano Alceu Chichorro, aponta seu lápis também para Alvarus — morto, na época, há 14 anos. “Prefaciando, em 1975, um livro de Newton Carneiro (*O Paraná e a caricatura*), Alvarus observava que ‘O Rio de Janeiro, apesar de Brasília, continuará ser a caixa de ressonância da cultura brasileira’ — caixa que, diga-se de passagem, há longo tempo deixou de ressonar em favor do próprio Alvarus”, escreveu Martins.

Embora seu nome tenha batizado uma rua da Barra da Tijuca em 2005, o fato é que a última exposição

dedicada exclusivamente aos cartuns de Alvarus foi realizada em 1988, três anos após sua morte. Nenhum de seus livros foi reeditado e seus artigos e pesquisas sobre a história da caricatura e do erotismo na arte permanecem dispersos. Também não há registro de um estudo acadêmico ou biografia que trace de modo completo sua trajetória. Para piorar, sua estimada e riquíssima biblioteca particular foi desmembrada ao longo dos anos.

Mas, afinal, quem foi Alvaro Cotrim? “Ora, não há leitor no Brasil que não conheça Alvarus”, disse certa vez o repórter Armando Pacheco, por volta de 1950. Naquela altura, o cartunista (que não gostava dessa denominação, para ele um neologismo desnecessário) já tinha 25 anos de imprensa na bagagem — uma trajetória iniciada no jornal *A Pátria*, quando ele tinha 19 anos. Ainda nestes primeiros anos, produziu ilustrações para diversas revistas e trabalhou nos jornais *A Manhã* e *Crítica*, ambos fundados por Mário Rodrigues, pai de Nelson Rodrigues.

Nelson dizia que ele e Alvarus eram “amigos há mais de 200 anos” e chegou a citar o cartunista em suas memórias, publicadas originalmente no

Correio da Manhã, a partir de 1967. “Eu falava no telefone com o comissário e via, no fundo da redação, o caricaturista Alvarus (na véspera, Alvarus tivera um bate-boca com um repórter francês, se não me engano de Marselha. Discute daqui, dali, e Alvarus deu-lhe um soco na boca). (...) Hoje, ninguém imagina o que eram as velhas gerações românticas da imprensa. Mudaram o jornal e o leitor.”

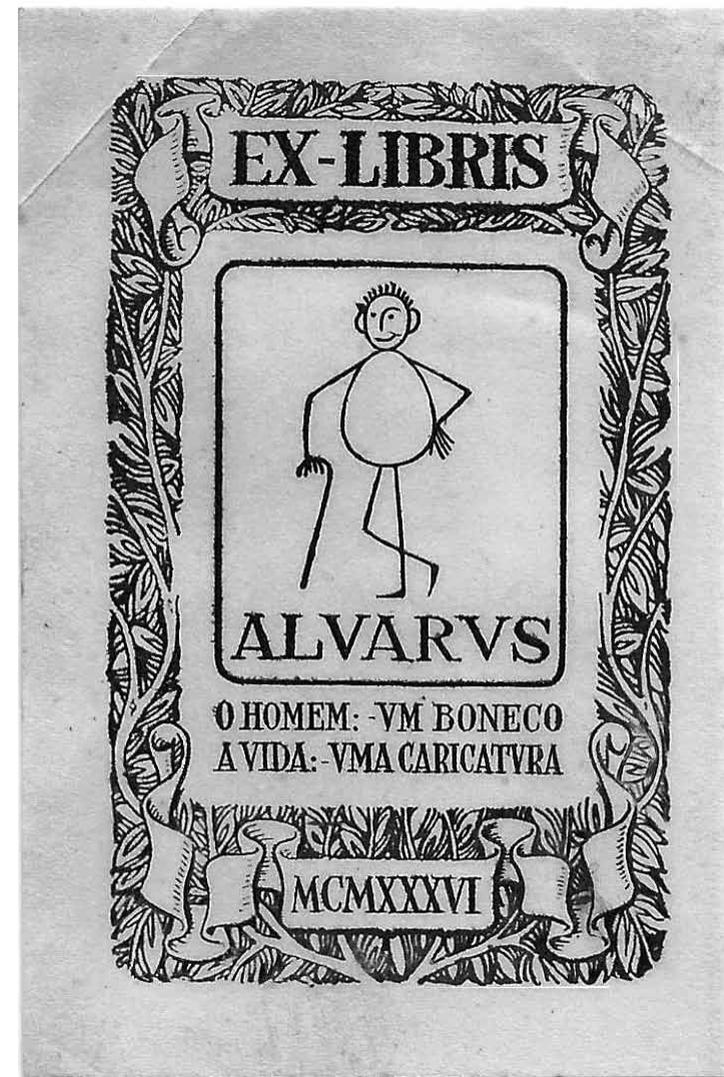
Uma geração inteira de leitores conheceu e admirou Alvarus por suas caricaturas e charges, que faziam sucesso em quase todos os diários e periódicos cariocas. Das revistas *Para Todos*, *A maçã* e *Vida Moderna* ao jornal *A Noite*, onde atuou de 1929 até sua extinção, em 1954. Mas seu auge de popularidade aconteceu no fim dos anos 1930, quando produziu séries de ilustrações para a revista *Dom Casmurro* e *portrait-charges* (retratos caricaturais) de personalidades políticas, artísticas e intelectuais para a *Vamos Ler*. Uma parte dessa produção foi reunida no raro álbum *Hoje tem espetáculo* (1941) e no livro *Alvarus e seus bonecos* (1954), apresentado pelo escritor e historiador da caricatura Herman Lima.

Nos anos 1960, perto de se aposentar como funcionário de carreira da



Carlos Drummond de Andrade e Alvarus tiveram pequenos desentendimentos, mas se admiravam. Aqui o poeta retratado pelo amigo.

Ilustrações Reprodução



A marca registrada da coleção de Alvarus. O ex-libres denuncia a irreverência do autor.

Caixa Econômica Federal (onde ingressou em 1929), Alvarus abandonou a produção de caricaturas para se dedicar exclusivamente aos estudos e artigos — que publicava em veículos tão distintos como o *Jornal do Brasil* e as revistas adultas *Fair Play* e *Ele & Ela* (em que fazia questão de reproduzir itens de sua famosa coleção particular de livros e gravuras). O acervo, tido como o mais completo do país na área de caricatura e erotismo, incluía, entre os muitos itens de destaque, a obra litográfica quase inteira (4 mil gravuras) do artista francês Honoré Daumier (1808-1879), conhecido como “O Michelangelo da caricatura”.

Também figuravam nas estantes de sua casa, no bairro da Gávea, coleções completas do *La Caricature* e do *La Charivari*, raríssimos jornais franceses considerados pioneiros pela postura libertária e republicana e pelo uso da caricatura como mensagem icônica e crítica ao *establishment* político e social da França a partir de 1830. Fonte de consulta permanente de suas pesquisas, o *La Caricature* publicou as duas primeiras caricaturas do imperador D. Pedro I, feitas justamente por Daumier. A descoberta encontra-se registrada no primeiro livro de estudos de Cotrim, *Daumier e Pedro I*. O volume foi lançado em 1961, junto com a Exposição Daumier, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com curadoria dele e centenas de objetos de sua coleção particular.

Outros livros surgiram de suas pesquisas: *Oswaldo Cruz Monumenta Histórica Tomo I* (com Edgard de

Cerqueira Falcão), *Museu Imperial* (com Lourenço Lacombe), *Pedro Américo e a caricatura* e *Jota Carlos, época, vida e obra* (publicado postumamente). Como professor, Alvarus ministrou por muitos anos o curso de Bibliografia da Imprensa Ilustrada na Escola de Biblioteconomia da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara. Também ocupou, em 1973, o cargo de diretor executivo do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS). A partir de 1979, passou a trabalhar no jornal da Associação Brasileira de Imprensa (AB), onde permaneceu até 1985, ano de sua morte.

Espírito jovem

Ao completar 80 anos, Alvarus declarou: “Uma das grandes vantagens agora é que as moças vêm beijar a gente com entusiasmo, pensando sempre que não há perigo”. Ou seja: mantinha-se com espírito jovem e maroto. Na rua, às vezes era confundido com o barão da nota de mil cruzeiros ou até com um fantasma do Segundo Reinado. Mas, certamente, quem topasse com o caricaturista contemplaria um senhor com um paletó bem alinhado, gravatinha borboleta e um vistoso bigode — branco, longo e circunstancialmente curvado nas pontas.

Gostava de borboletear pela cidade, já muito diferente daquela em que tinha nascido. “O Rio sempre foi uma maravilha. Hoje está uma porcaria. Esburacado, quase irreconhecível. Nasci num Rio que não tinha um milhão de



Reprodução

O crítico Otto Maria Carpeaux desenhado pelo amigo Alvarus.

habitantes. Hoje a cidade está suja, maltratada, com assaltos. É profundamente melancólico. (...) Sou do tempo em que a gente encontrava alguém na rua, à noite, e cumprimentava. Hoje a gente foge. Tenho medo de ser assaltado. E não vejo nenhuma providência para acabar com isso”, afirmou para o jornal *O Globo*, em 1985.

O Rio de Janeiro dos anos 1980 surpreendia negativamente o velho Alvarus. No Jockey Club da Gávea, onde costumava almoçar com os comensais da mesa 19, vivenciava com perplexidade e espanto o momento. “No Prado, não sei de nada, mas ouço falar por aí que a frequência não é das melhores. Que agora tem de tudo: manicure, calça jeans, chinelão de borracha”, disse para o *Jornal do Brasil*, em 1984. Um dos sócios ilustres do clube, ele não era exatamente um entusiasta da corrida de cavalos. Gostava mais de encontrar os amigos e se deliciar com uma feijoada. Depois, jogava uma partida de xadrez ou dava um passeio pelas livrarias Da Vinci ou Kosmos.

Por muitos anos, seu dia preferido foi o sábado. Ou Sabadoyle, como eram chamados os encontros realizados desde 1968 no apartamento do bibliófilo Plínio Doyle (advogado da editora José Olympio). Alvarus foi um dos mais assíduos ministros desta igreja de intelectuais, poetas e escritores, pontificando ao lado de figuras como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Mário da Silva Brito, Paulo Berger, Américo Lacombe, Homero

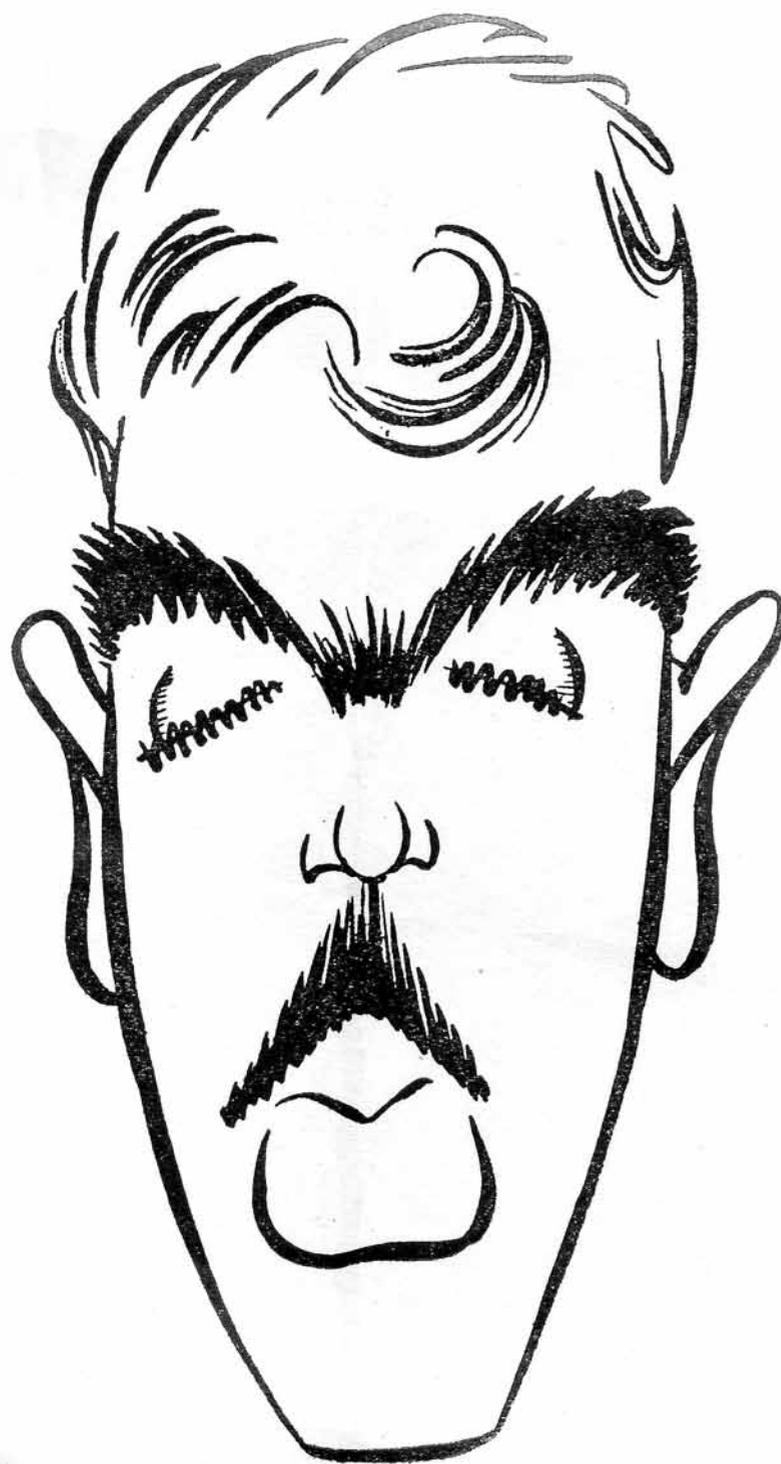
Senna, Cyro dos Anjos e Homero Homem, entre tantos outros.

Em 1973, a revista *Manchete* publicou uma matéria sobre o grupo e destacou a participação do caricaturista: “Em volta de Alvarus ficam os que gostam de se divertir. Os casos que conta, com seu bigode imperial — envolvendo figuras da história, literatura e política —, provocam risos até em Drummond, normalmente sóbrio”. Não à toa, o poeta mineiro dedicou uma crônica ao amigo, em homenagem aos seus 70 anos. “Alvarus ri e faz rir”, escreveu.

Mas a relação dos dois nem sempre foi de amizade. Pelo contrário. Foram desafetos por um longo tempo, talvez por causa de uma caricatura produzida por Alvarus que retratava Drummond tropeçando numa pedra. Na verdade, como ambos esclareceram mais tarde, não tiveram a oportunidade de se conhecer antes. Depois de apresentados pelo editor José Olympio, passaram a conviver e se admirar.

Alvarus foi personagem recorrente de crônicas de seus colegas de imprensa. Eneida, cronista e estudiosa do carnaval, uma vez afirmou que metade das piadas do Rio de Janeiro provinham do caricaturista. Segundo ela, era melhor atravessar a rua e se esconder caso você topasse com o sujeito, pois ele seria capaz de fazer qualquer um perder os compromissos do dia com suas histórias e anedotas.

Afetuosos até nas situações mais difíceis, o caricaturista fazia questão de ir a todos velórios que pudesse. E, se



Rubem Braga no traço de Alvarus.



Auto-caricaturas de Alvarus.



Alvarus, numa auto-caricatura

tivesse oportunidade, discursava em homenagem ao finado. No velório de Otto Maria Carpeaux, declarou um dos princípios éticos dos enterros: “Vou no de quem penso que vai no meu”.

A biblioteca

Aqueles que conheceram a biblioteca de Alvarus se questionam até hoje: “Onde ela foi parar?” — pergunta que o jornalista e biógrafo Ruy Castro também fez numa de suas crônicas para a *Folha de S. Paulo*, publicada em 2014. Dias após a morte do caricaturista, um amigo bem próximo da família alertou a viúva, Maria Isabel “Morena” Cotrim,

para que ela abrisse com cuidado seus livros, pois Alvarus havia guardado muito dinheiro dentro deles. Os familiares folhearam todas as obras e encontram uma quantia substancial, em dólares.

Em apenas dois anos, sua coleção particular, composta por 5 mil livros, 1,8 mil álbuns e 2 mil gravuras, passou a ser dispersa. Apesar das imediatas manifestações públicas (como a de Ziraldo, na época presidente da Funarte) no sentido de que a biblioteca seria um bem cultural nacional e deveria de algum modo ser preservada, a família, enfrentando problemas para armazenar os itens, decidiu comercializá-los. “No

Brasil ninguém quis. Aqui não houve interesse, não teve o menor eco. Foi impressionante, pois oferecemos para várias universidades e instituições”, conta Ana Cristina Cotrim, neta de Alvarus. Uma parte do acervo foi vendida para uma universidade norte-americana e o restante para colecionadores e sevistas, principalmente em leilões realizados ao longo dos anos.

Poucos comentam, por outro lado, que o caricaturista já vislumbrava esse destino para sua coleção. Tomou a precaução de colocar preços e incluir recortes de catálogos na contracapa de praticamente todos os itens raros.



Reprodução

Alvarus, pelo que consta, não deixou nenhuma outra determinação. Imaginava, talvez, que um dos possíveis destinos de sua coleção seria Paris, uma vez que muitos livros foram trazidos de lá.

Em 1946, meses após o término da Segunda Guerra Mundial, Alvarus viajou a Paris para fazer a cobertura gráfica da Conferência de Paz. Levou na bagagem dois quilos de ouro, com o intuito de adquirir tudo que fosse possível para complementar e ampliar sua biblioteca. Permaneceu na capital francesa por quatro meses, vasculhando cada cantinho das livrarias e dos buquinistas ao longo das margens do Rio Sena.

No dia 27 de novembro de 1946, procedente de Bordeaux, o navio Jamaïque aportou na Guanabara trazendo 260 passageiros, 80 veículos Citroën, três cavalos reprodutores para haras cariocas e treze caixotes lotados de livros adquiridos por Alvarus. Já disseram que, pelas dificuldades econômicas que passava o povo francês no pós-guerra, os volumes foram comprados a preço de banana. De qualquer forma, trazidos a peso de ouro.

Quando indagado sobre o futuro de sua valiosa biblioteca, Alvarus gostava de repetir uma frase atribuída ao rei Luís XV (ou a sua amante, a

madame de Pompadour), dita praticamente às portas da Revolução Francesa: “Après moi, le déluge” — algo como “Depois de mim, o dilúvio”.

A assinatura da coleção encontra-se colada na contraguarda dos livros. Indicando a posse daquele exemplar, um ex-libris datado de 1936, desenhado pelo próprio caricaturista, traz um simpático e sorridente boneco. A cabeça e o dorso são duas bolinhas. Uma das mãos ajusta a bengala que apoia as pernas cruzadas. E o dístico:

O Homem: — um Boneco
A Vida: — uma Caricatura ■

 José Daniel Silveira Júnior é jornalista.
Vive em Curitiba.

Kakfa é botafoguense

O cineasta, criador do gênero “terror”, conta como os livros contribuíram para a formação de seu imaginário fantástico e contracultural

OMAR GODOY

Divulgação



“Se você quer ter um filho artista, tenha um filho único. Porque a realidade mais próxima de uma criança sem irmãos é a ficção, a fantasia”, afirma o cineasta e fotógrafo carioca Ivan Cardoso, conhecido por filmes como *O segredo da múmia* (1982), *As sete vampiras* (1986) e *O escorpião es-carlate* (1990). Aos 62 anos, o criador do gênero “terror” (misto de terror com comédia) fala por experiência própria. “Como fui filho único até os 13 anos, tive uma infância dourada, meus pais me criaram como um príncipe. Só que eles

esqueceram de me contar que eu não era príncipe, que aquele castelo não era meu e que não existia um tesouro escondido que me deixariam de herança”, brinca.

Seja como for, esses primeiros 13 anos foram suficientes para a criação de um imaginário rico, alimentado por vários tipos de leitura — a começar pelos quadrinhos. Aos 6 anos, Cardoso já era fã dos personagens da Disney quando teve de passar uma semana de molho em casa por causa de uma doença. Foi quando conheceu uma série de heróis norte-americanos que ainda hoje ecoam em

sua obra: Mandrake, Zorro, Tarzan, Roy Rogers, Flash Gordon, Batman, Super-Homem. “Tinha um faxineiro no meu prédio, o Seu Altair. Ele viu que eu não podia sair para brincar e me emprestou a sua coleção de revistas. Foi uma descoberta, porque aquele universo era totalmente desconhecido para mim.”

Mas foi um livro, e não um gibi, o verdadeiro marco inicial de sua formação. Uma biografia de Van Gogh, meio perdida na coleção da mãe do cineasta, serviu como ponto de partida de sua futura carreira. “Não tenho mais esse

livro, não lembro do nome e nem do autor. Só sei que aquilo foi uma revelação para mim. Fiquei impressionado com a parte em que o Van Gogh chega a Paris e conhece todos aqueles outros gênios da pintura, como Gauguin, Toulouse-Lautrec, Seurat. Eu tinha 11, 12 anos, já pintava alguns quadros. E foi a partir da leitura dessa biografia que comecei a pensar em ser artista.”

Outras influências decisivas foram as revistas e livros de fotografia de seu pai e a biblioteca de 500 volumes herdadas do avô — o militar e político Dulcídio do Espírito do Santo Cardoso, último prefeito do Rio de Janeiro na Era Vargas. “Como todo pai, o meu também me contava histórias. Não sei se foi porque ele morou na América um tempo, mas a história que mais contava era a dos irmãos Jesse e Frank James. Gozado, não? Por causa do meu pai, meus primeiros heróis foram dois fora da lei americanos”, conta Cardoso, que sempre se definiu como “o mais americanófilo dos diretores brasileiros”.

Ou seja: seu gosto pela cultura pop e pelo lado marginal da vida surgiu muito cedo, e foi só uma questão de tempo para que se transformasse em expressão. Tanto que, ao chegar no ensino médio, Cardoso logo virou um agitador cultural da escola, participando ativamente do jornal dos alunos e organizando palestras com artistas convidados. Quando queria conhecer alguém que admirava, dava um jeito de incluir a figura nos projetos do colégio. Graças a essa “malandragem”, como ele mesmo diz, entrou em contato com grandes nomes da intelectualidade carioca, entre eles seu grande mentor, o artista plástico Hélio Oiticica.

“Eu perseguia essas pessoas, mas elas também tabelavam comigo”, afirma o cineasta, que saiu do periódico escolar para as páginas da revista *Navilouca*, projeto dos poetas Waly Salomão e Torquato Neto inspirado no concretismo,

na Tropicália e nas novas contraculturas dos anos 1960 e 1970. A publicação teve uma única edição, mas serviu para incluir Cardoso naquela turma e apresentá-lo a um trio que também faria sua cabeça dali para frente: Décio Pignatari e os irmãos Haroldo e Augusto de Campos — os cabeças da poesia concreta.

“O pessoal da revista me mandou para São Paulo para fotografá-los. Eu já conhecia poesia, até gostava do João Cabral de Melo Neto, mas o trabalho deles me deixou pirado, siderado”, lembra. Tão siderado que até hoje suas leituras têm relação com o universo dos três. Sua lista de autores prediletos nacionais inclui, além dos concretos, Oswald de Andrade, Nelson Rodrigues, José Agrippino de Paula, Dyonélio Machado, Sousândrade e “todas as letras do Lupicínio Rodrigues”.

De resto, diz que tem horror ao cânone da literatura brasileira. “Machado, Graciliano, Clarice... Tô fora dessa. Enquanto o pessoal lia isso, eu estava mais interessado em ácido, maconha e Jimi Hendrix. Imagino que a obra do Machado seja genial. Mas, pô, ele é o patrono da Academia Brasileira de Letras! Prefiro ficar com os marginais”, explica, antes de elencar os 25 livros estrangeiros de que mais gosta. Uma seleção de clássicos que vai de *Dom Quixote* a *O retrato de Dorian Gray*, passando por *Moby Dick*, *Frankenstein* e todas as histórias de Sherlock Holmes.

Sobre o detetive britânico, Cardoso faz uma “denúncia”: é dele, e não de Jô Soares, a sacada de ambientar uma trama de Sherlock no Brasil. “Isso está gravado, falei isso para o Jô quando o programa dele ainda era no SBT. Pena que não posso processá-lo por uma ideia que não foi realizada”, lamenta, com o tom sarcástico que é uma de suas marcas registradas.

Franz Kafka também está no seu rol de obsessões. Inclusive o cineasta fotografou seu túmulo há pouco tempo,

em Praga, onde apresentou o filme *Bacanal do diabo* (2013). Mais do que um passeio turístico, a visita rendeu, segundo ele, “um inusitado e assombroso encontro do terceiro grau”. Vestido com uma camisa do Botafogo, que costuma usar em festivais internacionais para conquistar a simpatia dos estrangeiros, Cardoso clicava a sepultura quando começou a sentir uma vibração estranha, uma presença. Era o próprio Kafka materializado em sua frente.

“Ele não parava de falar do Botafogo. É impressionante como o Kafka conhece tudo sobre a história gloriosa do clube, sua situação e até a escalação do time. Eu querendo conversar sobre literatura, sobre seus clássicos, e ele só falando sobre futebol. Só sossegou quando lhe dei a minha camisa alvinegra. Depois fiquei pensando: é óbvio que o Kafka só poderia ser botafoguense. Para qual outro time no mundo ele poderia torcer?”, diverte-se.

Delírios à parte, o fato é que Ivan Cardoso já está há dez anos afastado do circuito de exibição brasileiro (seu último longa apresentado em salas comerciais foi *Um lobisomem na Amazônia*, de 2005). Desde então, desistiu de filmar com recursos das leis de incentivo (“Os editais beneficiam os cineastas, não o cinema”) e se dedica a produções experimentais, apresentadas em mostras alternativas no Brasil e no exterior.

Sua subsistência, no entanto, vem do acervo com mais de 70 mil fotos de artistas e intelectuais que tirou ao longo dos anos — algumas delas, as mais clássicas, estão registradas no livro *De Godard a Zé do Caixão* (2002). “Com esses negativos eu produzo as minhas exposições, que me levam para o mundo inteiro. Mas nunca parei de filmar. Tenho tanta coisa guardada que, se quisesse parar hoje, teria um filme por ano para lançar até o final da minha vida”, garante, incansável, o botafoguense kafkiano. ■

Ivan Cardoso



SANTOS DUMONT DESABA DIANTE DE AVIÕES DE GUERRA

*o coração nunca gera ódio
a língua é que gera ódio*
Provérbio sumério

Água ou sol
demais ou menos, fungo, ferrugem
nas folhas, macega, roedores,
em cada

reino de ser vivo
uma praga
o solo mesmo como funcionário
em seu cubículo

exaurido:

motivos
tantos por trás do
preço alto do trigo,
da banana, as maçãs
bichadas

*e porque tudo
o que o homem semear,
isso também ceifará,
logo se nota que mau agricultor
era Paulo de Tarso*

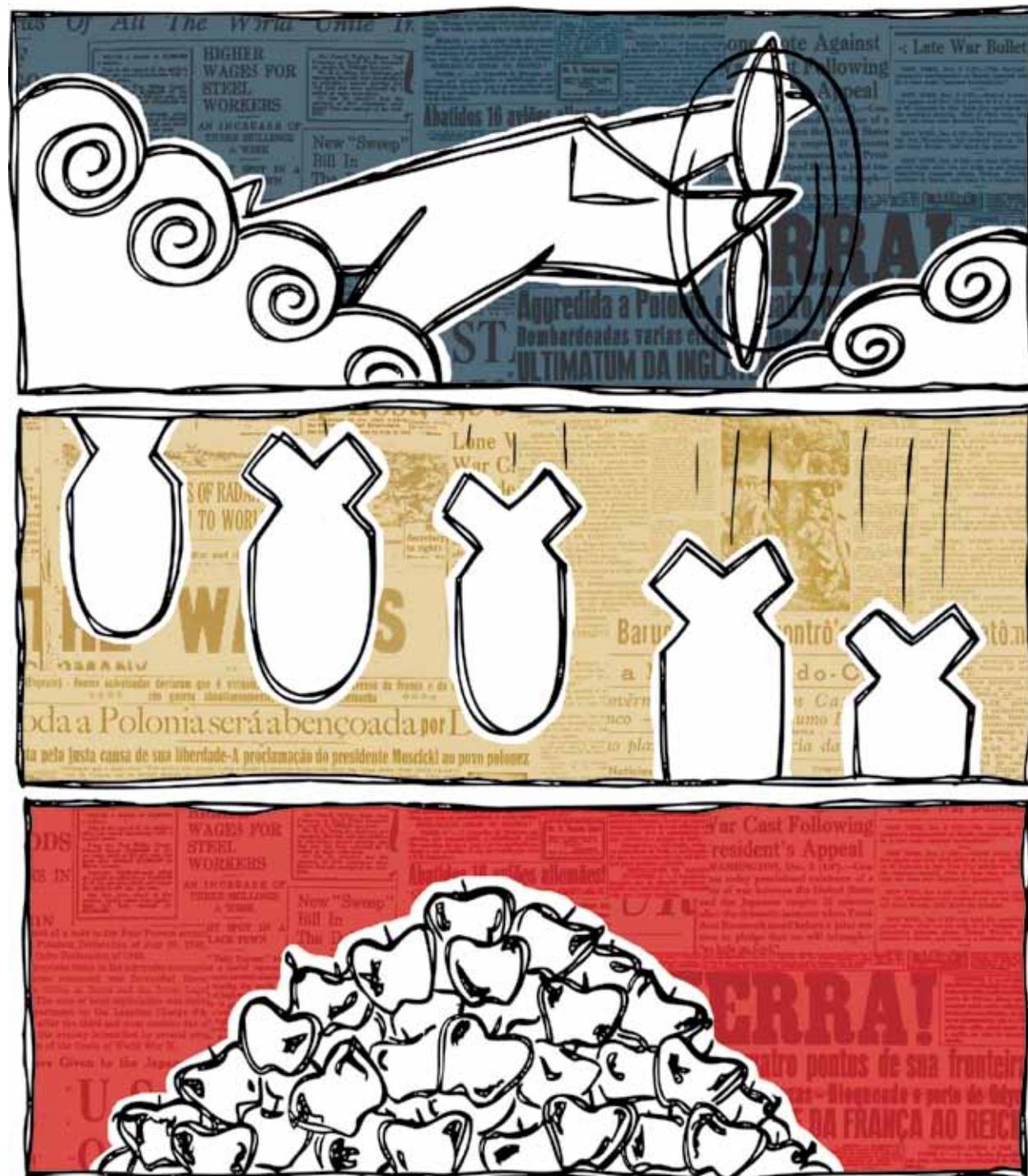
sim, teve exceções, inventores do touro
de bronze, da guilhotina,
no mais porém convém
corrigir os mitos:

o fogo
roubado em nada abalou o sono dos deuses
prevendo antes do uso benéfico
gritos, fumaça preta,
aldeias incendiadas

mas que frente ao horror
em vez de

enterrarmos o fogo com os outros
indícios de que tomamos o caminho errado,
a língua odiosa, o cálculo
da balística e construção de bombas,

continuaríamos
sem retorno ou olhar pra trás
no mesmo caminho, isso
eles não previram.



 **Adriano Scandolaro** é poeta e tradutor. Em 2015 traduziu, para a editora Autêntica, o livro *Prometeu desacorrentado e outros poemas*, do poeta inglês P. B. Shelley. Scandolaro é autor dos livros de poesia *Lira de lixo* (Patuá, 2013) e *PARSONA* (Kotter, 2015). Também é coeditor da revista dedicada a traduções *escamandra*. Vive em Curitiba (PR).